

AMORES EM QUARENTENA



AMORES

AMORES EM QUARENTENA



AMORES

**AMORES EM
QUAREN
TENA**

MARCELO DAMASO (ORG.)

AMORES

Amores em quarentena

Marcelo Damaso (org.)

Todos os direitos dos textos reservados aos seus respectivos autores:

©Ana Rüsche, 2020, ©André Takeda, 2020, ©Caco Ishak, 2020, ©Edyr Augusto, 2020, ©Estrela Leminski, 2020, ©Marcelo Damaso, 2020, ©Patrícia Rameiro, 2020, ©Rochele Bagatini, 2020, ©Toni Moraes, 2020, ©Vladimir Cunha, 2020.

Edição

Toni Moraes

Preparação, revisão e diagramação

Monomito Editorial

Capa e ilustrações

Rodrigo Cantalício

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54 de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A524	Amores em quarentena [recurso eletrônico] / vários autores ; organizado por Marcelo Damaso ; coordenado por Toni Moraes ; ilustrado por Rodrigo Cantalício. - São Paulo : Monomito Editorial, 2020.
	60 p. : il. ; PDF ; 5 MB.
	Inclui índice.
	ISBN: 978-65-86979-00-8 (Ebook)
	1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Literatura contemporânea. 4. Quarentena. 5. Pandemia. I. Damaso, Marcelo. II. Moraes, Toni. III. Cantalício, Rodrigo. IV. Título.
	CDD 869.8992301
2020-658	CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira: Contos 821.134.3(81)-34

www.amoresemquarentena.com.br

Esta coletânea é dedicada à memória de Rubem Fonseca

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
EQUINÓCIO (PATRÍCIA RAMEIRO)	15
OBSERVATÓRIO DO CÉU (ANA RÜSCHE)	19
A LIVE (CACO ISHAK)	23
O CORRE (EDYR AUGUSTO)	29
O SOPRO DE LILITH (VLADIMIR CUNHA)	33
SUA CIDADE JAZ EM PÓ (MARCELO DAMASO)	45
DUAS CANÇÕES (ANDRÉ TAKEDA)	53
REMOTO CONTROLE (ROCHELE BAGATINI)	57
LOVE EGGS (TONI MORAES)	63
RETÓRICA (ESTRELA LEMINSKI)	73
AUTORES	76

PREFÁCIO

MARCELO DAMASO

*Computadores avançam
Artistas pegam carona
Cientistas criam o novo
Artistas levam a fama*
(Chico Science)

Sempre que estamos em casa vendo um filme, ouvindo música, lendo um livro ou fazendo qualquer coisa a que se disponha tempo e prazer pensamos *putz, eu poderia fazer só isso na minha vida!* Mas quando a gente se vê em uma situação como essa, obrigado a ver um filme atrás do outro, ouvir discos que a gente nunca tinha parado pra ouvir e se aventurar a ler livros com mais de 1.000 páginas, a gente, só pra contrariar, pensa *o que é que eu vou fazer com essa tal liberdade dentro de casa?* Cientistas buscam a cura, médicos e enfermeiros cuidam dos doentes e artistas criam. O confinamento tem seu lado bom, mas o descanso cansa. E chega a hora em que a inspiração bate e a gente não vê outra saída que não seja criar.

A iniciativa deste projeto foi uma história que me veio à cabeça de duas pessoas vizinhas que se conhecem batendo panela e passam a se relacionar melhor graças à reclusão. Fui escrever. Antes, mandei uma mensagem para o amigo Edyr Augusto, perguntando como ele estava no meio disso tudo. Falei então da ideia de escrever um conto e ele prontamente disse que também escreveria. Surgia então a ideia de convidar alguns escritores para criar um enredo de histórias de amor (umas menos que outras) que se passassem durante o período da quarentena imposto pelo enigmático e odioso Coronavírus.

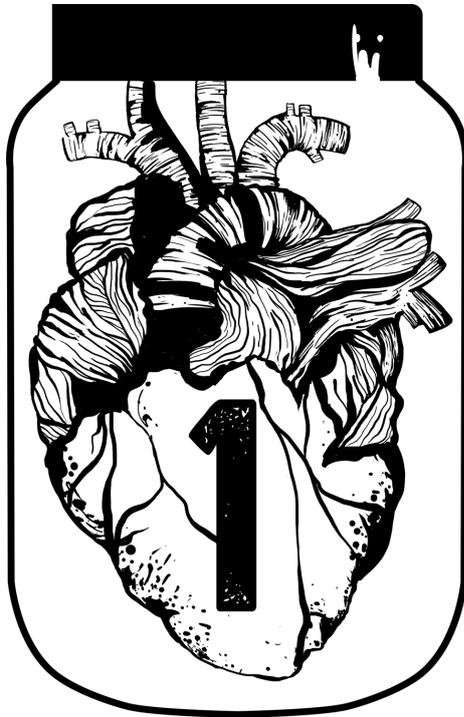
Foi então que falei com o Toni Moraes, editor da Monomito Editorial, e detentor das principais ferramentas para se publicar um livro de contos nesse momento. A ideia ganhou corpo e logo conseguimos reunir dez autores e autoras, a maioria em confinamento em seus lares em Belém. Abraçaram o projeto: Ana Rüsche, André Takeda, Caco Ishak, Edyr Augusto, Estrela Leminski, Marcelo Damaso, Patrícia Rameiro, Rochele Bagatini, Toni Moraes e Vladimir Cunha. A arte ganhamos do nosso querido

Rodrigo Cantalício. O site foi feito pelo Max Delson. A organização e iniciativa foram minhas, Marcelo Damaso, e a edição ficou a cargo do Toni Moraes.

O fato é que, neste livro, além de paraenses, temos gaúchos, goiano, piauiense, paulista e paranaense. E com a proposta de lançar o livro virtualmente em PDF e para Kindle, todos os autores carinhosamente aceitaram o convite para levar um pouco de ficção para as pessoas em casa, uns em termos mais esperançosos, outros em enredos obscuros, mas todos mirando a paisagem apocalíptica dos dias de quarentena.

Amores em quarentena é um grande abraço virtual (como o momento permite) de dez autores e autoras, e um artista visual, que criaram histórias de amor, solidão, compaixão, tolerância, perda, ferra e medo, mas, sobretudo, esperança. Tem duas luzes fortes brilhando: a que a gente não deve ir ao encontro e a que aparece lá longe, no fim do túnel.





EQUINÓCIO

PATRÍCIA RAMEIRO

Oi, amor. Eu acho que hoje é o oitavo dia, né?! Ou nono. Ou sétimo. Parei de contar. Ando fumando muito na janela. Prejudica o raciocínio. Ainda preciso cumprir trampo em casa, acredita? Até achei que te vi atravessando a avenida, de mochila azul. Tu tava mais magra e com os cabelos curtos. Mas tu é tão certa em tudo que não estaria pelas ruas descumprindo recomendações sanitárias em plena pandemia. Foi um delírio. Miragem de quem só tem vida fora de casa e contigo. Deserto de vida por aqui. No fundo, queria ser saudável, sabe?! Já te falei? Queria ser bailarino. Atleta. Ou cientista, que nem tu. Menina-flor. Saudade de sair pra te olhar. De sentar na calçada do bar e te procurar. Eu não vejo jornal, mas já sei que esse vírus vai mudar tudo. É um plano chinês. Tem um provérbio de muitos séculos que anteviu. Corona veio para que não exista mais grana. Nem pobreza. Vai mudar nossos sentimentos também. E decisões. Esse vírus é um rio subterrâneo e conspiratório atravessando o planeta e os corpos da gente. É um passo para trás. Um sopro de calma disfarçado de colapso emocional. Tenho tanta esperança, sabe?! Vão falar mil coisas, vão mandar mil correntes e versões. Não acredita, amor! Confia em mim. Não precisa ter medo. A gente vai casar, depois, quando normalizar. Pode escolher vestido naquela revista chique que tu gosta de comprar. Tudo vai voltar a ser como antes. Ontem eu vi um velhinho engraçado falando sobre o *chakra* coronário, que é por onde penetra toda a luz do universo. Fica bem no meio da cabeça, na parte de cima. Lá tem uma glândula – pineal – que produz o néctar da vida. Eu não sei o que ele queria dizer. Talvez que o vírus vai nos trazer a luz, o entendimento maior, de mãos dadas, juntos. Vai nos unir. Eu só conseguia ver a boca dele que tremia e dançava com palavras difíceis e mantras. Sânscrito, ele explicou. Depois ele ficou de ponta-cabeça, com a pele flácida e enrugada se espalhando e despencando na frente da câmera. Era tão bonito! Eu acho lindo cabelos brancos, varizes, sinais grandes, verrugas, cicatrizes, peles moles e manchas. Esse troço coronário dá mais vida a tudo que vive e ao que já morreu. Porque morrer e viver é uma coisa só. Tu mesma me falou. Não consegui meditar, depois eu tento mais. Tu consegue, né? Tu medita e sua o rosto e as costas! Fica um cheiro agridoce do teu suor quando tu volta. Às vezes eu sinto teu cheiro nas paredes de casa. Ou nas paredes dos meus braços. Tu é tão sábia! Li ontem sobre uma mulher que se veste de noiva todo dia, vai pra frente da casa do seu amor e se senta pra vê-lo passar, ir e voltar, todo dia. Tem um esperar tão paciente dentro dos olhos dela! Tu precisava ver na foto! Não lembro quem fez. O nome dele, do amado, é Ponciano, ele

tem 83 anos. Às vezes ela bate à porta e pergunta por ele. Todo mundo sabe e sorri. Ela não desiste. O vestido branco ficou bege, depois marrom, mas ela o lava todos os domingos com alvejante e vai pra missa vestida nele, pra casar. Pra mim, ela não persegue o Ponciano. Minha opinião. Ela persegue o alimento pra alma que tá nessa busca, sabe?! Nessa expectativa que se autofagocita e se nutre dessa substância deslumbrante e sagrada que habita esse buscar sem objetivo. Eu pensei da gente ter uma criança, sabe, amor. De irmos morar numa casa com quintal, no meio de uma floresta. Qualquer uma com varanda, samaumeira, pomar e horta. Sem criança, talvez. É, esquece as crianças. Nossos filhos seriam muito tímidos, intensos, viciados em açúcar e míopes. Sonhei ontem de novo com uma torta enorme e vermelha derretendo no asfalto escuro. Depois eu abraçava forte minha avó e te via repetindo as palavras estranhas daquela conversa de dezembro, quando tu disse que precisava ir. E outras coisas sobre encerrar ciclos e soltar o que precisava partir, deixar morrer, para que nascesse o que precisava chegar. As pernas da minha avó sempre pareceram um arco-íris. Ela fazia cafuné em mim antes de dormir quando eu tinha quatro anos e eu olhava as veias grossas, verdes, redondas e roxas. Mas não podia tocar, porque doía muito. Eu vi uma reportagem esses dias que tu ia gostar muito. Mandeí mensagem, talvez antes de ontem, mas tu ainda não visualizou. Era sobre mulheres que estão em quarentena com parceiros violentos. Esse tipo de assunto que tu tanto pesquisa, chega brilha os olhos falando. Outras mulheres não podem mais visitar os parceiros nos presídios para não ter risco nenhum de infectá-los, o que seria uma chacina porque eles vivem aglomerados. Elas escrevem cartas grandes e cheias de erros ortográficos falando de amor, esperança, saudade, tristeza, raiva, falta de grana, desproteção, tráfico, desespero, filhos e ausência. Tenho certeza que tu ia gostar. Eu tô te mandando três perguntas já tem um tempo, amor. Tenho treinado uma conversa pessoal. Quero te parecer bem. Conversei com a tua irmã antes da quarentena. Talvez tu não use mais redes sociais. Nem andava mais nos mesmos lugares. Eu já perguntei pra algumas pessoas, mas depois comecei a ter vergonha. Eu lembro de andar pelas ruas pensando em tu me ver por aí atravessando uma faixa de pedestre ou na ciclovia da Mundurucus. Nem faz tanto tempo assim e o mundo já tá refletindo com tanta força toda a rebordosa que tá aqui dentro. Como são as coisas, né, amor? Eu acho que Deus não tem o menor cabimento. Ele se acha sempre no direito de me ferir mais, de me enlouquecer mais, de me criar tanto constrangimento. Estão falando que as coisas vão piorar até dia 20 de março ou de abril. De hoje a um mês, certinho, ou dois. Olha, se der pra responder, talvez eu durma melhor. Talvez eu não sonhe caindo num abismo nem acorde com o coração tamborilando depois explodindo essa noite. Te aguardo. Te cuida, amor.



OBSERVATÓRIO DO CÉU

ANA RÜSCHE

Escrever é amearhar sanidade.

Acompanhei a Covid-19 mesmo antes de ter um nome, uma sigla, antes do termo mais procurado do mundo ser Coronavírus, desde o dia um. Alimento redes, pesquiso coisas imprevisíveis, improbabilidades da criação humana. Bobagem, muitos diriam, mas é como pago os boletos, forjando textos sobre curiosidades para perfis, que não sejam meus, ganharem *like*. A fama é para os fracos. Li sobre Wuhan desde quando essa palavra não era muito mais do que duas sílabas desconhecidas no ocidente. E, mesmo assim, não soube o que fazer.

Não que alimente o perfil de gente que trabalha na saúde, meus clientes são gente que faz de tudo para ganhar um *share*, uma novidade sobre vacina, uma desgraça feia. Vivo sendo paga para criar memes específicos, imaginar textos de cinco linhas sobre esse vírus que impediu o Ano Novo chinês e o Ano Novo persa, e que pendurou o futuro em um móbile sobre minha cabeça. Por dias, não consegui trabalhar, assistindo imóvel páginas abandonadas, sem ganharem corações, e perfis despencarem na relevância. Mas nem o pó suspenso, nem os prazos vencidos deixaram de cair pelo escritório deste lado da tela.

Trabalho a distância há anos, e ler mensagens de gente entediada em casa me feriu. Não ter que aguentar colegas de escritório te interrompendo por coisas bobas sempre foi a grande vantagem disso. De repente, todos os meus contatos fritando em casa, tudo querendo conversar comigo sobre coisas bobas, idiotices... estar on-line virou o inferno do imenso cafezinho de quem não tem o que fazer. Desativei tudo que não era notificação estritamente profissional.

Ensaiei um diário para driblar o mundo. Me isolei o quanto antes. No primeiro dia, gritei com minha tia. Falava alto demais com a vizinha pela janela. Nunca gritei com minha tia. No segundo dia, ela resolveu limpar a casa inteira e jogou muitas anotações minhas fora. Ela odeia meus papéis. Me chamou de desocupada. Brigamos de conjurar minha mãe morta há muito. Nos trancamos cada uma em seu quarto. Ainda bem que cada uma tem seu quarto. O amor entre colaterais no confinamento. Aos poucos, tentamos as duas juntas yoga, aulas de zumba e coisas ridículas como os filmes da Jane Fonda para mulheres brancas independentes, com suas faixas na cabeça, polainas, calças justas de lycra e vontade de prosperar diante de um televisor. Suamos, é verdade, mas nem a convivência familiar me ajudou a escrever uma frase, uma palavra sequer. Ao menos, voltamos a nos falar.

Aprendi a tomar sol. Aprendi a usar o Zoom. Aprendi a esticar a alegria até certo ponto. Meu colchonete de yoga era mais útil do que meus pares de sapatos. Lá fora, as pessoas heroicas: quem recolhe o lixo, trabalha em entregas, salva vidas em hospitais. Lá fora estava a gente branca, rica e louca a buzinar, a declarar “o Brasil não pode parar”. Lá fora estavam todas as lições de minha faculdade inacabada, a maré de notícias mentirosas. Penetravam pelo zap da tia. Aqui dentro, eu paralisada diante das janelas abertas, pensando *quem pode estar a salvo neste país?* Tudo que fiz foi detonar minha chaleira de laca vermelha com a concha, gritando contra o presidente até perder a voz. Minha tia não fez nenhum comentário. Raspar os berros da garganta contra um fascista sempre cai bem.

Um dia recebi uma mensagem de minha avó. Ela estava escrevendo um diário, no Twitter. Minha avó no Twitter era algo tão inesperado quanto a Covid-19. Ela marcava: “início voluntário de isolamento”, “consequimos tomar a H1N1 indo a pé sem tocar em nada, nem no posto de saúde (a enfermeira colou um selinho da vacina na minha carteira sem encostar nela)”, “fiz minhas primeiras quatro máscaras de papel toalha, elásticos e grampos (haja grampos)”. Não mostrei para a tia, ela que descobrisse sozinha. Escondida, me emocionei às lágrimas, até limpar a vista, o que me permitiu enxergar com clareza dias espetacularmente bonitos. Azuis nítidos. São Paulo se descobria, sem mantos de poluição, sem carros nas ruas. Havia pássaros, cigarras. Um outono cálido. Estranho constatar, sem a poluição, talvez não tenha crises de asma esse ano no inverno.

Em conciliação com a tia, dividimos uma tela e espiamos o Papa dando o *urbi et orbi* em tempo real num descampado de pedra polida. Pequenininho, branco e frágil. Não sou uma mulher de fé, mas, mesmo assim, fiz uma prece, por exemplo, à existência do sabão. Que coisa poderosa é o sabão. Sempre adorei casa limpa, escolher entre o aroma de lavanda ou de flores do campo. Mas finalmente compreendi que desinfetantes possuem outros benefícios. Com ar de reprovação, minha tia e sete gerações de mulheres me julgavam do céu a ler rótulos.

Me sentei ao computador, escrevi a prece ao sabão e enviei ao cliente mais cretino. O post flopou. Foda-se, tuitei a versão simplificada no meu perfil anônimo com foto de girafa. Fiz mais uma aula de zumba.

Hoje cedo, me dei outra folga do distanciamento virtual ao qual também me submeti. Entrei no Twitter para ler o diário da minha avó e me assustei com a quantidade de notificações. Meu texto sobre o sabão replicado milhares de vezes. Inclusive, com gente me xingando. Estaquei diante do acaso jogando dados.

Escrevo para amearhar sanidade e, mesmo assim, me maravilho.

Em algum lugar li: o mundo irá parar, pois uma criatura incomensurável, vasta e lenta corta nosso caminho. Me transmuto, a casa, essa crisálida de onde avisto o imenso: o céu estrelado e límpido por sobre mim.

Me transmuto.

Aposto que as próximas gerações vão achar um puta saco esses relatos todos.



DIA 19

|||||

No décimo terceiro dia de quarentena, o zelador me acordou interfonando ainda bem cedo pra me dar a notícia. “Dona Simone, eu até tentei impedir que ela saísse, nem abri o portão da frente, interfonei, interfonei, interfonei, mas a senhora nem escutou, eu acho, aí quando eu vi ela já tinha sumido”, veio logo se justificando assim que cheguei ao térreo. Havia procurado nas câmeras do elevador e do hall de entrada, nada da minha vó. Até que notou uma movimentação no canto da câmera da rua e encontrou a coitada se esgueirando pelas grades do portão da garagem. Quando chegou lá, minha vó já estava entalada. Seu Alberto morreu hoje de manhã.

DIA 21

|||||

Faz uns dias, o *crush* mandou mensagem. Diz que estava a fim de furar a quarentena pra me ver, queria vir aqui, argumentou que todo mundo estava saindo de casa mesmo, o presidente deu carta branca, que só uns amassos não matariam ninguém, que muita sacanagem isso ter começado justo quando a gente deu *match*. Só pensa. A gente não conseguiu nem conversar direito por causa da minha vó, que não parava de gritar pela casa. Imagina trepar. As ações do Tinder caíram ou subiram, será? Alguém sabe me dizer? Pedro trabalha na bolsa. Enfim. Ele sumiu.

DIA 22

|||||

Minha vó não para de tossir. Liguei pro número que a Secretaria de Saúde divulgou, fiquei uma hora respondendo um monte de perguntas, se a tosse da minha vó era seca, se ela estava com falta de ar, aí a moça saiu do telefone por quase cinco minutos e voltou perguntando se minha vó tinha viajado pro exterior, eu disse “não, isso realmente importa a essa altura?”, e ela deu o *verdicto* a distância: não devia ser corona, mas, pela idade, seria melhor cuidar dela como se fosse, que infelizmente

não havia mais leitos disponíveis na rede pública e, até onde ela sabia, nem na privada, então o jeito seria deixar minha vó de repouso absoluto em casa mesmo, ou isso ou se amontoar na rua, e que eu ficasse observando e voltasse a entrar em contato em caso de piora no quadro. De qual das duas, se no da minha vó ou se no meu, ela não especificou. Desligou antes que eu tivesse a chance de perguntar.

DIA 24

|||||

Pedro apareceu. Pediu mil perdões, disse que nunca foi intenção dele me deixar preocupada, mas que teve de passar uns dias com um amigo que tinha perdido pai e mãe numa vez e acabou esquecendo o celular em casa. Nem no meio da porra numa pandemia esses machos conseguem inventar uma desculpa melhor. Puxado, viu. Mas eu estava precisando da ajuda dele mesmo, então acabei relevando. Minha vó piorou. E muito. Ardendo em febre, diarreia, mal consegue respirar. Geme de dor até pra beber um copo d'água. Como eu não posso deixá-la sozinha, implorei pra que ele procurasse um médico por mim, uma enfermeira, mãe-de-santo, qualquer coisa que pudesse ajudar minha vó. Mas nada. Dizendo ele, rodou por toda a cidade e simplesmente não conseguiu encontrar ninguém disponível. Talvez ele nem seja assim tão vacilão. Ou, ainda que no meio numa pandemia mortal, só queira me comer mesmo. Então, se alguém que pode ajudar estiver me assistindo, por favor, ajuda minha vó. Ajuda a gente. Por favor.

DIA 27

|||||

Minha vó morreu. Sozinha no quarto.

DIA 29

|||||

Embrulhei minha vó num edredom. Cantei pra ela.

DIA 33

|||||
|||

Sabe, hoje eu meio que entendo minha vó. Na véspera do dia em que ela ficou entalada no portão foi horrível. Ela já não aguentava mais ficar presa dentro de casa. Aliás, nem sei como achou a chave que eu tinha escondido no meu quarto, deve ter aproveitado pra revirar tudo enquanto eu estava no banho, de tão endemoniada. Eu não sabia mais o que fazer, o que dizer, ela simplesmente não me escutava, ignorava um por um todos os meus argumentos, só sabia repetir “eu já morri, eu já morri, eu

já morri”, andando de um lado pro outro, jogando tudo o que encontrava pela frente no chão, e eu lá desesperada, cabeça estourando de dor, falta de ar aumentando, eu sem saber se era pânico ou corona, e ela berrando, berrando, berrando.

“Eu não aguento mais ficar aqui, entenda. Olha pra mim, olha bem. Eu já morri. Eu tô com 87 anos, qualquer gripezinha me mata, e eu não vou passar o pouco que ainda me resta de vida trancada na porcaria de um quarto esperando a morte, muito menos olhando pra essa tua cara de bunda. Tá me entendendo? Eu já passei muito medo nessa vida, já passei por guerra, já passei por ditadura, já comi o pão que o diabo amassou nas mãos do teu avô, chega. Tá me ouvindo bem? Chega. Eu só quero morrer em paz, morrer tranquila, tentar relaxar um pouco nos meus últimos anos de vida, será que é muito difícil de entender? Então vê se para de me aporrinhar e me deixa sair duma vez senão eu acabo é pulando pela janela”.

Se eu tivesse dado um passeio com ela. Se tivesse arrumado um jeito de entretê-la. Falamos de distanciamento como se já não fosse prática comum a todos faz tempo.

DIA 37

|||||
|||||

Dei um fora no Pedro. Já estava me irritando a insistência dele pra vir aqui. Não que eu esteja com medo de me contaminar, é óbvio que eu só posso ser assintomática, quem não tem cara de ser lá muito saudável com essa vida de bolsa é ele. Só não quero ver gente mesmo. Nem ele nem ninguém.

DIA 49

|||||
|||||

O telefone da polícia está mudo. Não sei há quanto tempo. Descobri hoje. Tem alguém esmurrando a porta, chutando, gritando pra eu abrir, faz umas duas horas. Já tentei bombeiros, guarda municipal, igreja, síndico, vizinho, ninguém atende. O jeito é me fazer de morta até o cara se cansar.

DIA 58

|||||
|||||

Não demora e a comida logo acaba. E não só a daqui de casa, pelo visto. Deu no jornal que o mundo inteiro entrou numa crise de abastecimento feia. Desde que a Turquia resolveu reter o avião com os ventiladores da Espanha, o mundo, que já estava de cabeça pra baixo, virou do avesso. Acabou a solidariedade. Nem a ONU resolve. Agora é cada um por si. Não aguento mais soja.

DIA 69

O genocida caiu. O exército assumiu de vez o descontrole da situação. Pedro não dá sinal de vida faz três semanas. Eu já nem sei mais o que sentir. Já nem sei mais se ainda sinto alguma coisa além do fedor que vem do quarto da minha vó. Talvez agora, pelo menos, o exército tome alguma providência. Queriam tanto uma guerra. Que comecem pelas próprias baixas, retirando os corpos de verde e amarelo das ruas.

DIA 71

O povo está enlouquecendo. Faz meia hora que não param de gritar. Termina um berro, emendam outro, dois, três, cinco, umas vinte pessoas urrando ao mesmo tempo. Uns pedem socorro, soltam uns palavrões, a maioria só grita mesmo. Sanidade mental era o mote no início da quarentena. Ninguém nunca me enganou.

DIA 74

Faz três dias que não vejo as luzes acesas nos apartamentos da vizinhança. Tudo apagado desde a noite da gritaria, fora uma ou outra. Eu só queria que alguém me dissesse o que está acontecendo, onde foram parar essas pessoas? Não deu nada nos jornais, não encontrei nada em lugar nenhum, nenhum site. Pararam até de divulgar o número de contaminados. Agora só dão notícia dos mortos. Pelo visto, não de todos. Quase ninguém anda fazendo *lives*.

DIA 95

Não importa que eu esteja curada, se é que de fato me contaminei, nem que eu tenha desenvolvido anticorpos, nada disso importa. A mensagem do carro de som do exército foi bem clara: pisou na rua, execução sumária. Nem sei como ainda deixam

a gente postar esses vídeos. Depois de anos morando com minha vó, pensei que estivesse imune também ao isolamento. Eu me achava muito forte nos primeiros dias, nas primeiras semanas. Besteira minha. Não existe anticorpos pra isso. Somos todos grupo de risco quando se trata da pandemia solidão.

DIA 123

Já não dava pra suportar aquele cheiro. Nem isolando as frestas da porta com jornal e pano de chão molhado segurava mais. Tive de jogar minha vó pela janela.

Mirei num drone. A água acabou.

DIA 137

Certa, mesmo, estava minha vó. Eu já morri. Vocês também. O lado bom disso é que nada mudou. No fim: nada mudou.

Simone deixa o celular no sofá. Câmera ligada. A porta bate.

Breve silêncio.

Um fuzil dispara.



O CORRE

EDYR AUGUSTO

Aí, Parça, o Cleto deu a letra de um corre aí pra gente. Vamos nessa? É troco ou inteiro? Inteirão. Com esse tal de vírus tá tudo quanto é barão escondido. É na loja do alemão. Ali na espinha da Presidente Vargas? É. Qual é o time? Cleto, eu mais tu. E tem o Boy pra ir. O Boy? Não fresca. Maior fresquinho, não fode. Ele tem um berro. Berro? Maior coronha, niquelado. E tem bala? Mostrou aí o berro. Presente de papai. Foda. Empresta? Aluga. Sem acordo. A Dionete tá no maior entojó pra ele ir. Chega na hora vai gelar, se cagar todo. Porra, vai ser com manteiga, tipo deslizando. Cadê os home? Me diz? Vai chamar. Tem sempre de levar rabo, puta que pariu.

Esperaram a noite adormecer. Forçaram a porta. Alarme disparou. Foda-se. Houve quem levasse computador. Celular. Dinheiro. O Boy, chapado, querendo se tirar na maior. Só garganta. Cala a boca tu aí. Mostrou o revólver, a mão balançando. Viado, não sabe nem segurar um berro. Vamos nos arrancar. O Boy ria, feliz. Na esquina, o Bagaço olhava. Guarda noturno, uns duzentos anos de Comércio. O Cleto puxou no gogó. Tu vais contar alguma coisa, caralho? O Bagaço, agoniado, deu uma risada e disse que sim. O Boy atirou. Tava doido pra atirar. Deve até ter errado, palmo em cima o primeiro tiro, de cagado que estava. Os outros, não. Sujou, caralho, sujou. Vaza todo mundo. Embicaram na escuridão. O Dogão na frente. Cara, sou foragido.

A Riachuelo amanheceu cercada. Viatura, caminhão tomara que chova, os caralhos. Moleques. Quem matou o Bagaço? Quem arrombou a loja? Bagaço era figura folclórica da região, querido por todos. Aposentado. Continuava ali porque não tinha nada para fazer em casa. O alemão, dono da loja, é presidente do Clube de Diretores Lojistas. Deu merda. Lá vem a Dionete, só de calcinha, levando pescoção, pelo meio da rua. Com ela, o Boy, enrolado em um pano, tentando manter a dignidade. Uma coroa, bem vestida, sai correndo e abraça o Boy. Ele nem aí. Ela começa a esculhambar. Filhos da puta, gentinha de merda, bandidos, gente feia, pobre! O que vocês fizeram com meu menino? Eu vou falar com o governador. Esse prefeito banana não adianta, mas o governador vai mandar fechar esse esgoto aqui. Covil de prostitutas, viados, ladrões, bandidos. Olha só o que fizeram com essa criança aqui! Vai baixar hospital para tirar toda essa merda de dentro do corpo. Ele tem mãe, viram? Tem mãe! O pai pode não estar nem aí, porque não é filho dele de verdade. Só quer contar dinheiro, mas tem mãe! O maior silêncio, até que a Chulapa, maior escrota, começou a vaiar. Gente, maior vaia na coroa. Ela gritava de raiva e o Blake parecia dançar andando rápido, acompanhando o sargento, parecendo conversar seriamente. Eles

queimaram o Dogão. O moleque quis vazar pelo telhado ali na Gama Abreu. O Boy abriu o bico e entregou o time do corre. Parça já estava com o vírus maldito. Na cadeia, pegou o tal vírus da coroa e se foi. Depois de dois dias, já foi há muito tempo. O Boy está de novo arriado pela Dionete. Os dois magros que nem a porra. Ninguém come. Só consome pasta. De vez em quando a mãe dele vem fazer enxame por aqui. Mas o que não falta é enxame aqui pela Riachuelo. E as ruas continuam vazias.



O SOPRO DE LILITH

VLADIMIR CUNHA

Com o corpo ainda quente do sexo, Jeyze se levantou da cama e ligou para a cozinha do motel. Do outro lado da linha, uma voz feminina atendeu, exalando tédio e cansaço. No sistema de som do quarto, “Sapequinha”, de Eduardo Costa, tocava em volume altíssimo.

– Satyricon Motel, boa noite.

– Peraí – respondeu Jeyze, abaixando o som.

Deitado na cama, garrafa de ice na mão, correntes de ouro no pescoço, Magela estendeu o braço e lhe deu uma dedada.

– Égua, Magela, para! – retrucou Jeyze, com um tapa na mão de seu amante enquanto dava um pulinho para o lado.

– Alô... – continuou a voz do outro lado.

– Alô! Oi... é... eu queria pedir um Frango Abracadabra...

– Que porra de frango, Jeyze! Tu acha que eu saio de casa pra comer frango? – interrompeu Magela.

– O que é pra pedir, então? – respondeu ela, tapando o bocal do telefone.

– Pede camarão. Camarão e fios de ovo.

– Fios de ovo?

– É, porra, aquele negócio amarelo. É chique.

– Alô? – continuou a voz do outro lado.

– Mas eu não sei...

– Pede aí...

– Oi... é... eu vou mudar, tá? Eu vou querer camarão.

– Temos empanado com molho *rosé*, arroz de camarão, ao alho e óleo e no bafo.

– Não tem com fios de ovo?

– Não.

– Mas não dá pra vim separado?

– Senhora, a gente não trabalhamos com esse produto.

– Amor – disse Jeyze para Magela, tapando novamente o bocal do telefone –, ela tá dizendo que não tem esse fios de ovo... tem empanado com molho *rosé*, arroz de camarão, ao alho e óleo e no bafo.

– Pede esse aí...

- Qual?

- Com *rosé*. *Rosé* também é chique.

Já era quase meia-noite quando Magela parou o seu Jeep Renegade em frente à casa de Jeyze, um amontoado de quitinetes de baixíssimo custo em uma viela na Rua dos Caripunás. Apesar do horário, o movimento ainda era intenso. Motos, bicicletas, grupos de moradores conversando. Na porta de uma casa, um garoto vendia salgadinhos. Mais adiante, quase chegando na Estrada Nova, uma senhora levantava fumaça enquanto abanava o seu fogareiro de churrasquinho. Ao longe, o tuntuntum de um eletromelody explodia em alguma festa de aparelhagem.

- Bebê, tu falaste com as meninas sobre aquele assunto? - perguntou Magela.

- Falei... elas curtiram. Mas é trabalho, né? Porque tu sabes... com esse negócio de quarentena a gente vai ficar parada mais de mês.

- É, eu sei... mas não te preocupa. Quanto elas querem?

- Três mil.

- Pra vocês três?

- Não, né? Pra cada uma.

- Égua, tá caro...

- Caro?

- Tá. Vocês não fazem isso num mês. E, porra, tô dando casa, comida e roupa lavada. Bora fechar dois...

- Dois e quinhentos...

- Não.

- Dois e trezentos? Égua, Magela, a Antonella que sustenta a mãe dela lá em Rondonópolis.

- Tá bom... dois e trezentos.

Jeyze saiu do carro. A fumaça do churrasquinho subia, difundindo a luz de vapor de mercúrio que saía de um poste, criando um raio de fumaça que incidia em uma geladeira velha jogada na vala que margeava a rua.

Jeyze bb lhe adicionou ao grupo **quarentena top**

Suzy (potranca) foi adicionado ao grupo

Antonella (super xanas) foi adicionado ao grupo

@Magela: égua... só a diretoria!!!

@Suzy (potranca): kkkkk...

@Antonella (super xanas): ei majelaaaa... kd o imbiriba?!!

@Jeyze bb: kkkkkkk

@Magela: kkkkkkk

@Antonella (super xanas): kro sabe se n vai rola essa narnia

@Suzy (potranca): kkkkkkk

@Magela: kkkkk

@Magela: te acalma ke eu já falei com o fleuris. vai rola narnia, bright, bala, piscina, lancha, sauna...os krlho.

@Jeyze bb: kkkkk

@Suzy (potranca): kkkkkk

@Antonella (super xanas): mais vo logo avisando que n vo lava louca nem arruma porra nenhuma.

@Jeyze bb: nem eu

@Antonella (super xanas): tu n tem empregada nao majela?

@Magela: tenho... mais porra... nao da pra eu chama ela ne? a dona atonia. como vou bota ela no meio dessa putaria
 @Antonella (super xanas): égua majela deixa de ser pao duro. paga alguem. pq porra eu nao kro fica lavando louca nem arrumando ksa
 @Magela: mais é uma quarentena, krlho. são dois meses...se eu chama a dona antonia eu vou ter que comer ela tb. ela tem 65 anos. tu curte fuder com velho?
 @Suzy (potranca): eu naum
 @Magela: poizé...nem eu
 @Antonella (super xanas): kkkkkkk
 @Suzy (potranca): kkkkkkkkk!!!!!!!
 @Jeyze bb: égua majela tu és podre...
 @Magela: kkkkkk
 @Antonella (super xanas): bora chama a pikixita então
 @Suzy (potranca): égua...a pikixita é de onda
 @Magela: kd ela ein?
 @Jeyze bb: ta no salaum da tia dela la em cotijuba
 @Antonella (super xanas): ela naum ta mais na rozyane?
 @Suzy (potranca): saiu de la. se rebarbou com a rozyane e kis passa a gilete nela. diske o marido da rozyane mandou quebra ela no soco e ela fugiu.
 @Magela: chama esse krlho então. mais diz ke se ela me cortar kem vai kebra ela no soco sou eu
 +55 91 9555... foi adicionado ao grupo
 +55 91 9555...: só as musa... kkkkkk
 @Magela: ei pikixita bora fase um amor de quarentena. olha esse nude
 +55 91 9555...: égua majela saude pq corajem tu ja tem
 @Antonella: kkkkkkk
 @Magela: seguinte: amanhã cedo eu vou pasa no fleuris e depois vo compra carne, uns ice... essas paradas. ai eu pego vcs
 +55 91 9555...: e eu?
 @Magela: égua pikixita naum vo te pega de lancha ai em cotijuba. vai de barco desce em icoaraci... pega uma van e salta no castanhera ke na volta a gente te pega
 +55 91 9555...: nada haver

De sacochila nas costas, Pikixita olhava deslumbrada para a mansão de Magela. Aos 45 anos, ele havia passado boa parte de sua vida entre um rolo e outro. Vendeu carro usado na Praça da República, foi assessor de um vereador em Itaituba, atravessou ouro no garimpo e até passou uma chuva gigolando uma desembargadora que perdeu o marido num acidente de carro. Mas nos últimos quatro anos havia mudado de vida. Radicalmente. O primo de um amigo de infância foi eleito deputado. Apresentador de programas policiais, ele precisava de um testa de ferro para intermediar uma licitação fraudulenta de merenda escolar para o Ensino Fundamental de uma cidade do interior. O deputado arrumava tudo com o secretário por um terço do faturamento, Magela cuidava da empresa de fachada, o secretário embolsava o outro terço e o amigo de Magela levava 15% sem fazer nada, só por ter desenrolado o lance. Durou um ano e meio. Quando o deputado e o amigo de Magela foram fuzilados num acerto de contas, ele assumiu o negócio direto com o secretário, rachando metá-metá. Magela até chorou no enterro do amigo, mas na mesma noite estava estourando a maior grana no puteiro onde conheceu Jeyze, sua amante desde então.

– Égua – disse Pikixita –, parece a casa da Ana Hickmann...
 – E desde quando tu conhece a casa da Hickmann, viado? – retrucou Antonella.
 – Hmm... eu vi no Geraldo Brasil.
 – Bora, Pikixita – disse Magela lhe dando um tapa na bunda –, deixa eu te mostrar o quarto de empregada.

Na TV 8K de 292 polegadas o apresentador do jornal do meio-dia dava as últimas notícias da quarentena. O número de mortos em todo o mundo havia subido, várias capitais estavam em confinamento absoluto e a falta de consenso entre o presidente e os governadores havia transformado o Brasil num caos. Dependendo do estado ou da cidade as coisas funcionavam normalmente ou a população poderia estar em confinamento total. Em Belém, a ordem era todo mundo em casa. Com a PM, a Civil, os Bombeiros e a Guarda Municipal patrulhando 24/7, ninguém estava muito a fim de se arriscar. Foi quando Magela teve a ideia de chamar Jeyze e algumas amigas para atravessar a quarentena com ele. Se é pra ficar em casa, pensava ele, melhor ficar furando um couro.

A lancha tá abastecida
Com Ice e Black de montão
A mulherada tá ferosa
E a fim de curtição

O som dos alto-falantes fazia a lancha de Magela tremer enquanto Jeyze, Suzy e Antonella dançavam de biquíni e bebiam uísque Black Label. Pikixita havia ficado em casa, fazendo o almoço. De longe era possível ver o *skyline* de Belém. Torres de vidro e concreto rasgando a floresta e alcançando o céu. O rio bravo. A Baía do Guajará ameaçando tragar o mundo como um oceano de água doce.

– Ei, vem cá – disse Magela para Suzy.

– Quié?

– Te apoia aí...

Suzy se apoiou no *deck* do piloto, de costas para Magela. Como se a comesse por trás, ele a fez empinar a bunda de leve e estirou uma carreira de cocaína. Da boa, comprada direto com Fleuris e sem mistura. Antonella se animou e disse que também queria. Magela disse que só se fosse no pau dele. Fez Suzy arriar sua sunga e estirar uma carreira na jeba vergada. Antonella se ajoelhou e deu uma fungada. Entre Suzy e Antonella, e beijando Jeyze, que dançava de frente para ele, Magela tomou mais um gole de uísque.

– Égua – disse Antonella ligando a câmera do celular –, bora fazer inveja pra Pikixita.

– Não – interrompeu Magela –, sem vídeo. O que rola na quarentena fica na quarentena.

– Nada a ver, Magela.

– Sem vídeo. Senão eu pego essa porra e volto pra casa.

– Vem cá – disse Suzy –, não tem bronca tá na lancha?

– Pega nada – respondeu Magela, virando um gole de uísque direto da garrafa. – O que não pode é sair na rua, ter contato com a galera. Tamo tão isolado aqui quanto em casa. Blindado por Deus. Tá vendo alguém? Tem alguém? Então.

– Bora curtir que é – interrompeu Antonella aumentando o som.

A cocaína bateu rápido e logo Magela se encheu de tesão. Virando mais um gole de uísque, ele dançava de pau duro se esfregando no rabo de Suzy, mexendo com

Antonella e Jeyze, querendo onda. Era o pico da euforia do pó, aquele momento em que todo cheirador se sente o rei do mundo. Logo veio a descida da montanha-russa. O pau amolecendo, a deprê batendo. Magela lembrou da mãe e seus olhos se encheram de lágrimas. Com vergonha, deu outro teco, virou outro gole e aumentou o som. A ideia era ir até uma praia deserta atrás da Ilha das Onças, fora da rota dos barcos comuns, conhecida apenas por quem andava nos esquemas de lancha em Belém do Pará. De volta ao jogo, elétrico, a fim de onda, Magela aumentou ainda mais o som. “Wal Pescador”, do DJ Maluquinho, começou a tocar.

Cai a madrugada
E você não chega
Cabeça aquela dúvida
Onde você está?

– Éguaaa... a minha músicaaaaaaa – disse Antonella, levantando a garrafa de uísque e rebolando até o chão.

Ando pelo quarto
Pensando em você
Ligo pro celular
Não quer me atender

A animação de Magela havia voltado. Ele agora fazia o “treme” junto com Suzy. Jeyze virava o uísque direto na garrafa. Suzy pediu um teco, Magela colocou um pouco de cocaína na chave do Renegade e enfiou em seu nariz. Antonela gritava “uhuuu”. Jeyze dublava a música e batia cabelo.

Eu sinto o vazio
No peito a solidão
Por que que faz assim
Maltrata o coração

Jeyze virava uísque direto da garrafa na boca aberta de Magela. Antonella dançava. Suzy fazia o “treme”. Com Magela no meio, o trio de garotas fez um sanduíche, dançando pra lá e pra cá no balanço do rio e do tecnobrega.

Eu te amo demais
Mais de que a mim mesmo
Amor não faz assim
Tem pena de mim
Wal Pescador
Wal Pescador
Você é quem comanda o coração das Super Xanas

Todos cantavam juntos, apontando para Antonella na última frase do refrão. Suzy e Jeyze agora dançavam coladas e reboavam até o chão. Magela bebia uísque, cheirava e ria sozinho, pensando em tudo o que ia rolar quando encostasse a lancha em sua marina particular e voltasse pra casa.

Wal Pescador
Wal Pescador
Você é quem comanda o coração das Super Xanas
Wal Pescador
O pescador do amor
Você é quem comanda o coração das Super Xanas

Magela caiu no chão. Demorou um tempo até que as meninas se ligassem que ele havia morrido. A cara branca, os lábios roxos, sangue escorrendo pelo nariz. Uma espuma branca saindo da boca.

- Ai, meu Deus! - gritou Jeyze se ajoelhando ao lado de Magela e colocando o ouvido em seu peito.

- Abaixa o som, caralho! - gritou Antonella para Suzy.

- Será que ele tá bem? - perguntou Suzy com os olhos marejados.

- Que bem, porra! - retrucou Antonella, nervosa, de repente sóbria. - Tu não tá vendo que ele morreu?

- Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou...

- Peraí, Jeyze, caralho! - interrompeu Antonella. - Deixa eu pensar...

- Chama a polícia... - sugeriu Suzy.

- Tu é doida? - respondeu Antonella. - Que polícia? O que a gente vai dizer pra eles? Que távamo cheirando pó com ele no meio da quarentena e ele morreu?

- Mãe poderosa - começou Jeyze, ainda mais nervosa que Antonella -, por tua graça e teu poder recebe hoje em tuas mãos este nó...

- Porra, Jeyze! Se tu não parar com isso agora eu te enfio essa garrafa pela goela - interrompeu Antonella, virando um gole de uísque generoso logo em seguida.

- O que... a gente... vai... fazer... então? - perguntou Suzy aos soluços, mal conseguindo falar.

quarentena top

@Antonella (super xanas): pikixita

@Antonella (super xanas): pikixita

@Antonella (super xanas): pikixita, krlho!!! kd tu???

+55 91 9555...: perai... tava vendo fofocalizando...

@Antonella (super xanas): porra tu é foda... a gnt ta c/ 1 problema

+55 91 9555...: ke problema?

@Antonella (super xanas): o majela passou mau a gnt ta ilhada aki

+55 91 9555...: kkkkkk
 @Antonella (super xanas): ke kkkkk, porra, o negocio e serio ta fikando tarde daki ha pouco ta escuro
 +55 91 9555...: vaum vira tudo riberinha
 @Antonella (super xanas): égua pikixita tu é ralado..... tamo fudida..... o majela naum ta em condicoes de pilota
 +55 91 9555...: mana... agora n sei...
 +55 91 9732... foi adicionado ao grupo
 +55 91 9732...: fala princesas 😊
 @Antonella (super xanas): kem é???!!!!!
 +55 91 9732...: é o jarrão
 @Antonella (super xanas): ke jarrão krlho?
 +55 91 9555...: é o meu primo la de coty ele e barkeiro... foi ele q me trouxe
 @Antonella (super xanas): égua viado num me da esse susto...to nervosa
 +55 91 9732...: kolé o papo?
 @Antonella (super xanas): o majela pasou mau e tamo ilhada aki na lancha dele
 +55 91 9732...: ningem sabe pilota?
 @Antonella (super xanas): naum
 +55 91 9732...: égua...
 +55 91 9732...: 😞
 +55 91 9555...: parece que vai chover
 @Antonella (super xanas): kalaboca pikixita...porra!
 +55 91 9732...: n tem gps naum?
 @Antonella (super xanas): sei lá...onde fika?
 +55 91 9732...: se tive ta do lado do volante...
 @Antonella (super xanas): e tipo uma televisaosinha?
 +55 91 9732...: 😊
 @Antonella (super xanas): e agora?
 +55 91 9732...: ta ligado?
 @Antonella (super xanas): vou liga perai
 @Antonella (super xanas): e agora?
 +55 91 9732...: vê se ta marcado ksa ou alguma coisa assim
 @Antonella (super xanas): ta sim
 +55 91 9732...: sabe liga a lancha?
 +55 91 9732...: é tipo 1 botaum
 @Antonella (super xanas): tem botao pra krlho nessa porra
 +55 91 9732...: bate 1 foto e me manda
 @Antonella (super xanas): tá
 +55 91 9732...: é esse verde
 +55 91 9732...: ligou?
 @Antonella (super xanas): liguei
 +55 91 9732...: agora da so um tokinho na tela onde ta marcado ksa
 +55 91 9732...: ele marcou uma rota?
 @Antonella (super xanas): marcou
 +55 91 9732...: entaum mete fixa!

Com Jarrão no viva-voz orientando, e Suzy e Jeyze de mãos dadas numa corrente de oração, aos trancos e barrancos Antonella conseguiu chegar à marina particular de Magela. Pikixita, aflita, esperava no trapiche. Sua imagem crescendo à medida que Antonella se aproximava da margem. A mansão atrás dela lhe dando um ar de Scarlett O'Hara naquele final de primeiro ato em *E o Vento Levou...* O tempo cada vez mais fechado. As nuvens de um cinza carregado vindo da baía. Enquanto atracava a lancha, dava para ouvir o barulho das ondas e do casco batendo com força no trapiche. Suzy e Jeyze às lágrimas, rezando cada vez mais alto, com medo de afundar. Quando finalmente conseguiu atracar, Antonella pediu a Pikixita que lhe ajudasse com Magela. Ao ver que ele estava morto, com sangue seco espalhado pela cara, Pikixita desmaiou. Agora eram dois corpos para Antonella, Jeyze e Suzy carregarem.

Meio tonta, ainda se recuperando do desmaio, Pikixita mirava o corpo de Magela estendido no chão da mansão. Na TV sem som, a imagem de uma repórter loira, 50 e poucos anos, alternava-se com imagens do Papa rezando sozinho uma missa na Praça de São Pedro. Jeyze e Suzy emudecidas. Antonella, preocupada, tentando dar um jeito naquela cagada.

– A gente tem que se livrar do corpo. Daqui a pouco ele vai começar a feder – disse ela, apontando para o cadáver de Magela.

– Aí, amiga, para – cortou Jeyze. – Como assim se livrar do corpo? Não, não... vamo ligar pra polícia.

– Que polícia, amiga? – respondeu Antonella. – Tu acha que eles vão acreditar na gente? Três putas. Tu tá é doida. Se a gente chama a polícia daqui a pouco tá todo mundo dando entrevista no Pimenta.

– Égua – cortou Pikixita –, eu acho o Pimenta belíssimo.

– Pior... – concordou Suzy.

– Olha – continuou Pikixita –, tem um prosdócimo lá na cozinha. Bora deixar esse bofe lá enquanto a gente vê o que faz.

– Bora.

Depois de fechar a tampa do freezer, Antonella, Suzy, Jeyze e Pikixita abriram outra garrafa de uísque e foram para a piscina. Pikixita pegou uma das carnes que Magela havia comprado e começou a fazer um churrasco. A brasa começava a arder enquanto o quarteto discutia o que fazer. E o mais importante: como sair dali sem despertar suspeitas.

– Mas não dá mesmo pra pegar o carro? – perguntou Suzy.

– Não. Não dá – respondeu Antonella. – Tu não viu quando a gente entrou? É câmera pra caralho. E depois como a gente vai se livrar do Renegade? Vamo estacionar lá na Estrada Nova, na frente da feira, e sair belíssimas como se nada tivesse acontecido? A gente vai presa na hora, amiga.

– Pelo menos ninguém vai dar falta do Magela – disse Jeyze. – Ele não tinha amigo. E também, né, tá todo mundo na quarentena.

– É... mas uma hora isso acaba. A gente não pode ficar aqui pra sempre.

– E se a gente saísse pelo rio? – perguntou Pikixita.

– Égua, eu é que não vou pilotar essa porra de novo.

– Eu posso falar com o Jarrão, bicha. Ele vem de rabeta e tira a gente daqui. De Coty pra cá é rapidinho.

Sentado no sofá, de shorts, chinelos Rider e usando um abadá de poliéster sem mangas onde se lia “Bloco do Biruta”, Jarrão parecia estudar cada pedaço da mansão de Magela enquanto Pikixita e Antonella lhe explicavam a situação na qual estavam metidas.

– Olha... – disse ele de maneira meio preguiçosa. – Tá roça essa situação. Mas dá pra gente resolver. Só que tem um custo, né?

– Égua, primo, deixa de ser assim. Ganância... – reclamou Pikixita.

– Olha... errado ele não tá – cortou Antonella.

- Pois é...
- Até porque todo mundo aqui ia ganhar cachê, né? Agora tamo sem nada – disse Antonella olhando ao redor.
- Bebê – respondeu Jarrão, apontando para a TV de Magela –, tu sabe quanto vale essa tela aí?

Quarentena top

Bicó (total parceria) foi adicionado ao grupo
+55 91 9732...: faaala, bicóóó
+55 91 9732...: galera... esse aki é o bicó. ele vai da essa força pra gnt.
@ Bicó (total parceria): colé o papo?
+55 91 9732...: tem 1 situacao ai irmaum..... vamo precisa da tua ajuda.
@ Bicó (total parceria): pode conta comigo tu sabe que aki e irmandade
+55 91 9732...: tu ainda tá na fazendinha?
@ Bicó (total parceria): tu saaaabe
+55 91 9732...: kkkkkkkkkkk
@ Bicó (total parceria): entaum amanha eu passo ai pra te pega.....

- Ei – disse Jarrão, colocando o celular no bolso, apontando para a garrafa de uísque que Antonella segurava –, esse Black aí tem cola na garrafa, é? Passa a bola, loirão.

Em equipe, e de maneira sistemática, Jarrão, Antonella, Jeyze, Suzy, Pikixita e Bicó começaram a rapa na mansão de Magela. Bicó, rato d'água, tinha uns esquemas com um PM de Barcarena, que receptava roubo e revendia por um preço em conta os bagulhos de Magela, que Jarrão e Bicó, na lancha do patrão, deixavam para ele toda madrugada na Fazendinha. Em quatro dias não havia mais nada de valor que se pudesse roubar. Era hora de ir embora. Passar a quarentena em casa, gastando o dinheiro apurado com os rolos de Jarrão e Bicó, sem precisar fazer programa para pagar as contas. Dividido por seis, dava bem mais do que o cachê que Antonella, Jeyze, Suzy e Pikixita iam ganhar pela Quarentena Top. Faltava apenas um último detalhe.

- Bora, Jarrão – disse Bicó, abrindo o freezer onde Magela havia sido *guardado* –, ajuda aqui.

Jarrão e Bicó carregaram o corpo congelado de Magela até a sauna que ficava próxima ao *deck* da piscina. Na sala, enquanto Magela descongelava, Antonella e Pikixita aprontavam o cenário da overdose dele. Jeyze e Suzy fazendo faxina em tudo, limpando cada canto onde poderia ter uma digital, um fio de cabelo ou qualquer coisa que ligasse qualquer um dos seis à cena do crime.

O corpo de Magela, ainda com a sunga que usara na lancha, até que convencia rodeado de pó, uns baseados, três pílulas de ecstasy e uma garrafa de Black Label. O copo largado no chão, como se tivesse caído no momento de sua morte.

Quarentena top

Jeyze bb saiu do grupo
Suzy (potranca) saiu do grupo
Antonella (super xanas) saiu do grupo
+55 91 9555... saiu do grupo
+55 91 9732... saiu do grupo
Bicó (total parceria) saiu do grupo

Ainda com as luvas de limpeza que todas estavam usando – ideia de Pikixita, que tinha visto isso numa cena da novela – Antonella pegou Magela pelo pulso e usou o seu dedo indicador direito para desbloquear o celular de seu ex-benfeitor.

Magela saiu do grupo

– Pronto – disse ela apagando do celular de Magela todas as conversas de WhatsApp e todos os telefones que envolvessem qualquer um deles.

– Peraí – disse Jeyza, dando um beijo na bochecha de Magela, uma lágrima escorrendo pelo rosto. – Te amo, bebê.

Na mansão vazia, Magela olhava para onde antes havia a TV de 292 polegadas. Lá do trapiche era possível ouvir Jarrão ligando a lancha que um dia lhe pertencera. Em seguida, pelo sistema de som, começou a tocar uma música que ele conhecia bem.

Eu te quero é desse jeito que eu gosto
Seu corpo é um portal
Onde viajo através das estrelas
Contigo eu passo mal
Amor eu sou tudo o que você quiser
Sou criança eu sou tua mulher
Só me prometa que vamos fazer amor
Assim Assim

Logo o som foi sumindo, tornando-se mais e mais distante até desaparecer. Na mansão, apenas o barulho do rio e do vento que vinha da baía. Um relâmpago e logo em seguida uma trovoadas. Começou a chover. Ainda era o quinto dia da quarentena.



SUA CIDADE JAZ EM PÓ

MARCELO DAMASO

Por mais que tenha visto muitos filmes sobre o fim do mundo, com vírus dizimando a raça humana, futuros próximos de planeta deserto, colapsos, apocalipse, zumbis e toda a imensidão de enredos surgidos das mentes de escritores solitários, Martins jamais imaginou que passaria por algo assim. Havia considerado alguns momentos históricos como as Diretas Já, o primeiro presidente negro norte-americano, a primeira presidenta eleita democraticamente no Brasil, o ataque às Torres Gêmeas em Nova York. Tudo era história, mas nada como um evento de causas naturais interrompendo bruscamente o caminhar da humanidade.

A TV, a internet e os grupos de WhatsApp eram monotemáticos. Não havia páreo para o Coronavírus, que chegou sem perguntar nada, tornando a quarentena uma obrigação sem precedentes e com algumas concessões, ainda bem. Eram nessas concessões que todos se seguravam para seguir sem mergulhar no caos generalizado.

Naquele pequeno apartamento – de um prédio com muitos –, em que morava desde que saiu da casa de sua mãe, levava uma vida tranquila, o maior de seus problemas era justamente a solidão proporcionada pela tranquilidade. “Maldita paz!”, ele falava às vezes em voz alta, às vezes suspirava, n’outras erguia as mãos aos céus no modo *Serenity Now!*

Martins achava que o pior já havia passado, e isso segurava seu suspiro para não enlouquecer, ainda que não fosse tempo o suficiente para se acostumar a tamanho vazio. Antes do vírus, sua vida social não era exatamente uma avalanche de emoções. Sua última namorada havia sido há quase três anos. Além de sessões frequentes ao cinema, vez ou outra reunia seus dois amigos, Joca e Reinaldo, em casa para tomar um vinho, ouvir jazz, falar de cinema e tentarem ser o máximo adultos que podiam. Para Martins, isso não era um grande problema, envelhecera aos trinta e poucos, mas para Joca e Reinaldo era. Às vezes, tentavam mexer ao menos na seleção musical, mas sabiam que aquilo incomodaria um pouco o anfitrião. De todo modo, eles nem sempre se viam.

A grande verdade é que a vida de Martins já era chata antes do vírus. Nas primeiras semanas, não achou que seria tão ruim assim ficar em casa para ouvir mais música, assistir mais filmes e reler seus quadrinhos – que ele guardava com um certo receio de serem descobertos e que pudessem abalar sua figura adulta –, mas ali, no terceiro mês, já até considerava o fim do mundo uma opção não tão ruim assim.

Metódico, como todo chato, conferia uma única vez no dia o celular para checar algumas notícias. Chegou pelo Instagram a convocação para mais um pannelaço às 20h30 contra o Presidente da República, alguém que ele realmente odiava. Sorriu de canto quando leu a convocação, sabendo que aquele seria o momento mais emocionante do seu dia. Às 20h, a panela e a colher de pau já pousavam conectadas ao seu lado no sofá. Estava tão ansioso que às 20h17 deu as três primeiras marteladas na sacada. “FORA!”, gritou ainda tímido, e escutou de resposta as mesmas três batidas e um grito de voz feminina mais desinibido e desafiador: “FORA, FILHA DA PUTA!”. Ele sorriu, sentou-se novamente e esperou.

Às 20h26 ele escutou novamente as três batidas e um esplendoroso “FORA, DEMÔNIO!”. Ainda que infringindo suas próprias regras e o horário marcado, fez a mesma contagem de batidas e soltou: “XÔ, SATANÁS!”. Antes que ficasse envergonhado por invocar um Durval Lélis meio torto, ela respondeu: “FORA, CAPETA!”. Sem pensar muito em outros vulgos do diabo, ele mandou um “FORA... é... COISA RUIM!”. A real é que essa brincadeira iria longe, mas o relógio marcou 20h30 e então o prédio todo entrou na onda. Por mais que tenha ficado feliz em saber que a maioria de seus vizinhos aderiram ao protesto, era pelo “FORA” dela que seus ouvidos procuravam.

Depois de mais de 20 minutos de pannelaço, Martins ainda ficou na janela. Sabia que a voz vinha de um apartamento abaixo do seu, mas não havia muito o que fazer, não teria como saber quem era sua comparsa no Código Morse da panelada. Já se resignava quando ouviu novamente as três batidas, seguidas de um “Qual o teu apartamento?”. Ficou na dúvida de responder e não ser com ele, embora tivesse certeza. Arriscou e respondeu com as três batidas seguidas de um “oitocentos e cinco”. Antes de pensar no que seria dali por diante, o interfone tocou:

- Oi, comunista.
- Hehe... oi.
- Tô limpa e tu?
- Como assim?
- Tá infectado, hõmi?
- Ah, sim. Não.
- ... tá ou não tá?
- Não, claro que não.
- Tu é meio lento, né?
- Não, não... é que foi tudo muito rápido.
- Verdade. Desculpa, sou meio 220. Escuta, tu tens cerveja aí?
- Poxa, não tenho.
- Ah tá...
- ... mas tenho vinho.
- Opa! Posso ir aí, então?
- Agora?
- Sim, tá muito ocupado? Vai ver a novela?
- Haha, claro que não. Pode vir, sim.

Embora ele fosse assistir à novela, sim, seguiu seus instintos e deixou a noite fluir. Havia esquecido de perguntar o nome dela. Não que isso fizesse qualquer diferença. De repente se deu conta do quão rápida era a moça. Olhou pra baixo, estava de samba-canção do Lanterna Verde e uma regata branca. Lembrou de Joca dizendo “regata a gente não usa nem por sarcasmo”. Foi atrás da porta e viu aquela bermuda pendurada, tirou uma camisa preta sem estampas do guarda-roupa, voltou para os chinelos e percebeu que os banhos estavam em dia dando aquela checada no sovaco.

A campainha berrou e ele abriu a porta. Por não fazer a menor ideia de como ela era, achou que, pelo menos, teria uma companhia divertida pra passar aquela noite. Mas a porta se abriu e apareceu uma garota loira, não tão magra, saia jeans desfiada e uma blusa branca. Sem batons ou qualquer efeito, Martins estava diante de uma mulher bonita, sem frescuras, elétrica e divertida. Chegou a pensar na palavra “astral”, mas deixou pra lá.

Cumprimentaram-se com os cotovelos e ela foi entrando.

– Qual o teu nome?

– Martins.

– Teu nome, é? Isso não é sobrenome?

– É... João Martins.

– Agora sim. Sabrina. Assim, sem sobrenome.

– Me entreguei mais, né? Dei nome e sobrenome.

– Mais ou menos. Se acontecer alguma coisa comigo, vou ter muito trabalho pra levantar a tua ficha. O que mais existe por aí é João Martins.

– Verdade...

– Legal tua casa.

– Você mora só também?

– Agora sim. Minha mãe voltou pra ficar em quarentena com meus avós em Brasília.

– Ah, você é de lá?

– Sou. Você é daqui?

– Sim, de Belém.

– E aí, aquele vinho?

– Opa. Vou pegar.

Enquanto abria o vinho e separava duas das três taças que tinha em casa, Martins olhou e a viu mexendo em sua pequena coleção de CDs de jazz. Ficou na bronca dela bagunçar a ordem. Ainda que fossem duas prateleiras com uns 200 e poucos CDs, eles tinham uma ordem que para ele fazia todo o sentido. Não era ordem alfabética, nem por ano, mas por data de compra. Viu ela olhando um do Chet Baker e falou “Coloca esse”. Voltou para a sala, brindaram e sentaram-se no sofá fedorento.

– E aí, Sabrina, o que tu tem feito nessa quarentena?

– Um monte de nada. E tu?

– Isso também. E mais nada. Alguém próximo teu morreu?

– Credo, que papo baixo astral! Não, ninguém... e de ti?

– Meu pai.

- Caramba, sinto muito.
- Tudo bem. Eu não o via há anos. Ele tinha mais de 80. Teve uma vida legal.
- E vocês não se falavam por quê?
- Não disse que não nos falávamos. Não nos víamos. Ele optou por uma velhice reclusa. Eu respeitei.
- Que triste.
- É, foi triste. Minha mãe tá bem. Nos falamos todos os dias depois da novela.
- Ah, tu queria estar vendo a novela? Desculpa!
- Não, tudo bem. Preferi seguir o fluxo das emoções.
- Realmente, a vida está muito cheia de emoção...
- Mas logo volta ao normal, Sabrina.
- Depende do que será o novo normal depois que muitas pessoas perderem seus empregos e familiares. Emprego, por exemplo, eu já perdi.
- Poxa.
- Mas é isso, melhor que perder a vida. Vamos ver o que vem pela frente.
- Você me pareceu mais pra cima, mais otimista antes.
- No geral eu sou. Fico elétrica, tento manter o astral com energias boas. Mas depois lembro da merda toda. Enfim, foda-se. Bora beber.
- Tu trabalhavas com o quê?
- Sou publicitária. E tu?
- Funcionário público. Tô numa situação um pouco melhor.
- Um pouco?
- Não, desculpa. Minha situação é privilegiada sim, você tem razão.
- Não precisa pedir desculpas e nem se sentir culpado por isso. Eu que te peço desculpas, na real, não foi a minha intenção.

Naquela primeira hora de convivência com Sabrina, Martins conheceu uma pessoa interessante, que gostaria de ter conhecido antes, em outra circunstância, embora não descartasse a possibilidade muito grande de prejudicá-la. Na descrição, Sabrina seria o tipo de pessoa que ele manteria distância, mas na quarentena ele enxergou as coisas de forma diferente e a tolerância parecia uma dádiva devolvida pelo vírus. Sabrina também não escolheria Martins, para qualquer que fosse a conversa, em uma ocasião diferente. Ainda que seu jeito não combinasse com o dele, ela nunca se importou muito com essas combinações e acreditava que enxergava as pessoas além do que elas se mostravam. Mas ali estavam e eram apenas duas pessoas se conhecendo, de universos relativamente distantes, unidas por uma situação peculiar pela qual nem eles nem a geração de seus pais havia passado.

- Martins, você tem carro?
- Tenho.
- A noite tá bonita. Seria muito imprudente a gente dar uma volta de carro?
- Acho que não, né? Não vamos falar com ninguém. Ligamos o ar-condicionado e não paramos em nenhum lugar, para evitar qualquer contato.
- Isso! Vamos?

– É, vamos.

– Mas espera, eu não quero ir vestida assim. Minhas roupas estão todas limpas e esperando serem usadas. Posso me vestir e vamos?

– Ok. Vou fazer o mesmo e te encontro na minha garagem.

Martins colocou uma calça jeans, uma camisa de botão xadrez e os tênis velhos de guerra. Sabrina tomou banho e colocou um vestido florido e um cardigã cinza. Encontraram-se na garagem e entraram no carro. Quando se viram, ambos sorriram, por dentro e por fora.

– Trouxe um CD, tá?

– Claro! Não posso obrigar todo mundo a escutar essa música de velho que escuto.

– Eu gosto de jazz. Não entendo, mas gosto. Muito bom aquele CD do Chet Baker. Não sabia que ele cantava.

– É, ele tem uma fase cantando, que é lindíssima, aliás.

– Verdade... Que voz linda...

– E qual o CD que trouxeste?

– Siouxsie & the Banshees.

– O que é isso?

– É uma banda inglesa dos anos oitenta liderada por uma garota muito foda. Eu curto mais rock de garotas. Nos últimos dias tenho olhado pela janela e penso nessa música “Cities in dust”, cidades em pó.

– Coloca aí.

Pela cidade, muito poucos carros. Motos circulavam ainda fazendo o *delivery* necessário, sem receber o julgamento de ninguém, muito menos dos dois que solicitavam vez ou outra um hambúrguer, pizza, lasanha e toda a diversão possível para noites de confinamento. Além deles, moradores de rua alheios ao perigo, cães e gatos vadios vagando inocentes sem saber que o mal não os abateria.

Sabrina cantarola o refrão da música que toca.

– O que quer dizer?

– Não manja inglês?

– Não, por isso ouço jazz.

– *Sua cidade jaz em pó, meu amigo.*

– Legal.

– É, legal, né?

– Será que o fim está perto?

– O fim do mundo ou da quarentena?

– Da quarentena... o mundo ainda não vai acabar.

– Verdade. Vai recomeçar. Uma nova era.

– Acredito nisso também, sabia? Gostei de ver seu otimismo.

– Acho que nós dois somos otimistas. Se acreditássemos no fim do mundo, a gente não estaria batendo panela contra o presidente.

– Podia ser pelo tédio também. Mas não era. Você está certa.

– Tem uma coisa que eu penso, que não divido com muita gente. Pode parecer um pensamento meio idiota até, diante de tantas mortes, mas eu acredito sinceramente que esse vírus foi um grande alerta. Repara, parece que ele não afeta os animais, a natureza, os bebês... Levou muitas vidas, infelizmente. Parece um recado mais severo. Acho que a vida estava muito louca, sabe?

– Olha, eu nunca parei pra pensar dessa forma, pois muita gente morreu. Meu pai morreu. Não posso acreditar num recado de Deus...

– Eu não falei que era de Deus.

– Tá, tudo bem. Enfim, eu não posso acreditar que essa intervenção leve pessoas queridas, pais, mães, avós.

– Eu te entendo, mas tenta ver por outro lado. A humanidade já passou por cada coisa... Claro, muitas delas custaram vidas. Mas nossos tempos são outros. A ciência avança, a tecnologia, a medicina. Logo mais vem a cura.

– Sim, logo mais.

– As relações humanas estavam caídas, né? Pessoas isoladas nos seus celulares e tablets. Pouca conversa, pouco contato humano. Você acha que a gente estaria tendo essa conversa se não fosse isso? Tu achas que estaríamos vivendo esse momento? Eu e tu?

– Com certeza não. Mas ainda bem que estamos.

– Pois é, ainda bem que estamos.

Sorrisos cúmplices e o olhar para o nada pela janela do carro. No retrovisor, o nada. Pelo para-brisas, o nada. Ali, naquele carro, eles eram tudo o que podiam ter, que o universo podia lhes dar. Poucos minutos de silêncio e a conversa voltava, sempre boa, complementar a cada um dos dois.

Voltaram para casa, estacionaram o carro e subiram de elevador. Olharam-se ao mesmo tempo. Ela parou no 6º andar. Com a porta aberta se olharam. Sabiam que o beijo não viria. Tocaram-se com os cotovelos.

A porta do elevador fechou. Sorriram sozinhos. Ela quando entrou em seu apartamento. Ele quando saiu do elevador. Já vai passar, pensaram juntos.

Antes de dormir, Martins ouviu longe três batidas na panela. Não sabia se era real, mas respondeu com as três batidas de volta.

– Fora, desgraça.

– Fora, filha da puta.

– Até amanhã.

– Até amanhã.



DUAS CANÇÕES (PARA QUARENTENA)

ANDRÉ TAKEDA

Lado A

Às vezes os amigos perguntavam se ele não tinha vergonha de andar de bicicleta por aí, entregando sushi, sorvete, burgers e pizzas. Mas a verdade é que a vontade de sobreviver era maior que qualquer vergonha. O que ele sentia era uma certa decepção com o mundo e consigo mesmo ao perceber que os seus dois diplomas pareciam já não ter valor algum. Só que agora, pedalando pelas ruas vazias de Buenos Aires, ele sentia um poder quase heroico. Ele estava ali, arriscando a sua saúde com uma máscara de pano feita com uma camiseta velha do Van Morrison, para entregar comida em plena quarentena. O dinheiro no final do dia nem pagava uma cerveja e duas empanadas, mas ele sentia que de alguma maneira estava fazendo a sua parte.

Foi no segundo dia de quarentena que ele a viu pela primeira vez. Quando chegou ao edifício de varandas francesas, Maria já estava na porta esperando pelo seu almoço, salada, salmão, limonada e torta de frutas vermelhas. Então, ele viu a luz do início do outono refletir nos seus olhos e imediatamente lembrou de “Brown Eyed Girl”. Ele sorriu, entregou a sacola de papel, sempre cuidando para manter distância, e ouviu Maria dizer um *gracias* com sotaque diferente. Nem da Argentina, nem da Venezuela, como ele. Viu no aplicativo de entrega que a gorjeta era muito mais que 10%, agradeceu e foi embora, imaginando de onde seria aquele *gracias*.

Três dias depois, um pedido de entrega de sorvete. Um quarto de quilo de pistache e baunilha. Ele sorriu quando viu o nome Maria e o endereço. Enquanto esperava na sorveteria, imaginava se ela estava passando a quarentena acompanhada. Deve ser solteira, ninguém pede um quarto de quilo para dois nessa cidade, ele pensou. Era noite, e dessa vez ele não prestou atenção aos olhos de Maria, apenas ficou surpreso com a capa de *Astral Weeks* estampada na sua camiseta. Era só o que faltava, ela era uma fã de Van Morrison. Outra vez um *gracias* diferente, outra vez uma boa gorjeta.

Naquela madrugada ele bebeu cerveja acompanhado dos amigos com quem dividia o apartamento e contou de Maria. Eles riram, disseram que ele deveria falar com ela se houvesse uma terceira entrega. E, pela primeira vez, ele sentiu vergonha. Vergonha de ser um imigrante, de seu subemprego, de acreditar nas letras de Van Morrison.

Mas, claro, houve uma terceira vez. No meio da tarde, um pedido de pão artesanal, medialunas e uma fatia de bolo de cenoura. Ele sentiu mais pânico que alegria ao

receber o pedido. E então, assim meio sem querer, viu Maria sorrir para ele quando chegou na esquina.

¡Mi héroe!, Maria disse com *aquela* sotaque.

Herói. Era tudo o que ele precisava para deixar a vergonha de lado. Ele suspirou, respirou fundo e perguntou de onde ela era. Brasil, Maria respondeu. Com seu portunhol, ele perguntou qual era o seu disco favorito do Van Morrison. Ela riu, como se já esperasse por essa pergunta, como se tivesse reconhecido partes da capa de *Moondance* na máscara que ele usava.

Você já sabe qual é o meu disco favorito do Van Morrison, foi a resposta.

Foi a vez dele rir. Seus *ojos son* muito bonitos *con la luz del* outono, falou.

Uma pena que roubaram nosso outono, né, ela falou olhando para as árvores desbotadas de sua rua.

Una pena, ele concordou.

Ficaram menos de 40 segundos em silêncio, que mais pareciam os 9 minutos de “Madame George”. Mas nenhum dos dois tinha algo a perder.

Uma pena mesmo, mas bem que você poderia entregar o outono todos os dias para mim, né?, ela disse como se fosse um convite.

Sí, ele respondeu. Ignorando as recomendações do próprio aplicativo de entregas, tirou a sua máscara e, por via das dúvidas, repetiu em português: sim.

Lado B

Assim que soube que iria trabalhar com pacientes com sintomas de Covid-19, ela decidiu se isolar do marido, dos amigos, da família. Um tio emprestou um apartamento vazio perto do hospital, de vez em quando ela caminhava até lá, dez quadras de um silêncio que apenas era interrompido pelas ligações do marido. Estou com saudades, você está se cuidando, tenho muito orgulho. No começo, aquelas palavras traziam conforto, um sentimento de “ainda estou em casa, tudo vai ficar bem”. Mas os dias passavam, a tal da curva não se achatava e ela começou a se sentir exausta, impotente e, sobretudo, sozinha. Foi então que lembrou da última vez que conversou com Pedro, outra vez um monólogo, um desabafo, um desejo mais ou menos assim: você está ouvindo essa música, é de uma daquelas bandas meio alternativas que o seu pai tanto gosta, mas eu acho tão linda, ele colocou em uma *playlist* para você dormir, ela diz algo assim: “porque nós te fizemos, meu amor, com o amor de cada um dos nossos corações, nós éramos uma família, meu amor, desde o começo”, tão lindo, né? E é isso que sinto, que nós sempre fomos uma família, mesmo antes da gente pensar em ter você, e eu nem sei direito como posso sentir algo assim tão forte por alguém, parece clichê, né? Mas é verdade, e dá um medo danado amar alguém do jeito que amo você, mas eu prometo que vou dar o melhor de mim. E apesar de ter fechado a memória para tudo o que aconteceu depois daquele monólogo, a dor repentina no meio da madrugada, a ajuda de toda a equipe do hospital quando entrou na emergência, o choro já sem lágrimas ao saber que Pedro tinha ido sem ao menos chegar, mesmo com todos os *flashbacks* tristes, ela continuou caminhando

todos os dias ao trabalho durante a quarentena. Lembrar de Pedro era quase que um combustível. E era o seu segredo também. Mas um dia o marido ligou e ela disse o que queria quase por impulso. O Pedro merece uma irmãzinha ou um irmãozinho, sei lá. Do outro lado da linha, ele ficou preocupado e surpreso. Pedro? Você nunca me disse que o nome dele era Pedro e, por favor, não fale dele como se ele estivesse aqui. No meio da quadra vazia, em frente a uma banca de revista fechada, ela sorriu sem medo. Mas ele está aqui. O marido já não sabia o que dizer. Acho que o isolamento não está fazendo bem pra gente. Ela insistiu. Nós éramos uma família desde o começo, lembra, *we'were a family, my darling, right from the start*, e agora acho que está na hora do Pedro ter um irmão, ou irmã, quem sabe gêmeos. Do outro lado da linha, o marido reconheceu os versos e também sorriu.

E foi assim que a quarentena terminou.



REMOTO CONTROLE

ROCHELE BAGATINI

Minha história começa um mês antes da quarentena, em fevereiro, e minha vida virou do avesso depois disso. Eu ainda tinha emprego, trabalhava como garçomete em um bar chamado Wanda. Estava na capital há pouco tempo, dividia o apartamento com outras cinco pessoas, todas do interior, como eu. O apê se mantinha, frequentemente, imundo, e a umidade era tão grande que eu, asmática, muitas vezes sentia falta de ar. Ansiava sair de lá, mas meu salário de garçomete não permitia. Porém, havia um lado muito bom: ficava perto do trabalho. O Wanda era mais ou menos novo, tinha aberto em novembro, ia bem, as meninas me davam boas gorjetas. Quando me candidatei para a vaga, eu não sabia que era um bar de lésbicas. Se eu soubesse, talvez não tivesse me candidatado. Sou do interior-interior, da colônia, e meus pais são bem católicos. Eu fazia uma ideia errada do amor entre meninas, não era para mim, não era certo, para não dizer algo mais pesado. Se meus pais imaginassem que eu trabalhava com meninas desse tipo, ficariam escandalizados e me pediriam para voltar. Quando disse que tinha conseguido um bom trabalho em um “restaurante”, também não dei detalhes de que se tratava de um trabalho noturno, porque só isso já os deixaria sem dormir. Agricultores, eles achavam que a noite é para dormir, quem faz outra coisa se torna suspeito.

Eu pretendia estudar em um cursinho pré-vestibular durante o dia. Estava tudo planejado. Aprendi com a minha mãe a fazer uma empada de palmito com azeitona que o casal de donas do Wanda gostava muito e me encomendou para vender lá. Em pouco tempo, meu futuro na capital parecia promissor. Início do ano, trabalho, gorjetas, um “empreendimento” com empadas – um estresse no apê, pois meus colegas não gostavam que eu monopolizasse a cozinha para fazer as empadas e eu ainda precisava limpar toda porcaria do pessoal antes de começar a cozinhar –, não imaginava nada melhor quando cheguei aqui na cara e na coragem. Mal sabia que a vida mudaria totalmente já no mês de março.

Eu estava trabalhando há um mês e pouco quando saiu nos noticiários que o Coronavírus tinha chegado ao Brasil, isso foi no dia 21 de fevereiro de 2020. A princípio, as coisas não pareciam que mudariam radicalmente, pelo menos as donas do Wanda não demonstraram nenhuma preocupação imediata. O último dia em que abrimos foi 15 de março, para tristeza geral da galera. Eu estava radiante no trabalho e, apesar da minha timidez, atendia com muita simpatia e animação, a ponto de estabelecer relações de carinho com as sapatão. Elas nunca me desrespeitaram e isso me deixou

bem à vontade. Havia um casal conhecido no meio lésbico, a Marília e a Carol, uma era designer e a outra farmacêutica. Estavam juntas há anos e representavam aquele tipo que não se esconde, ainda por cima eram bem-sucedidas. Marília tinha cabelo curto, raspado nas laterais, com um topete bem armado e descolorido nas pontas, usava roupas largas e botas, chegava sempre uns passos à frente de Carol, que tinha o cabelo longo, liso, castanho claro e que às vezes usava preso, de lado, por uma trança que chegava quase até o seio, usava jeans, camiseta e batom transparente, dando um aspecto de molhado. Costumava atender de jaleco branco quando estava trabalhando. Já tinha visto ela na farmácia, quando precisei comprar a bombinha para asma, tudo fica no mesmo bairro: farmácia, Wanda, república-apê.

Na quarta-feira do dia 11, a Marga e a Tânia, donas do Wanda, preocupadas, avisaram à gente sobre a possibilidade da quarentena. Como assim?! Eu quase enfartei. Eu teria que ficar isolada com aquelas cinco pessoas, dentre elas dois homens nojentos que faziam piadas machistas enquanto comiam de boca aberta, num apê escuro, úmido e sujo? Eu deixaria de receber as gorjetas e a porcentagem das empadas? As meninas disseram que tentariam pagar um salário mínimo, mas não sabiam por quanto tempo. O pior era ficar isolada naquele lugar terrível, eu dividia o quarto de 3x2 com mais duas meninas, era um beliche e uma cama de puxar, debaixo do beliche. A situação era tensa. Não acreditava que levariam a sério o isolamento, e eu sou grupo de risco. A quarentena iria matar (se não matasse a mim) os planos de estudar, porque o pouco dinheiro que sobraria seria para pagar os estudos que começariam em maio. A menos que acontecesse um milagre, eu teria que voltar para a casa dos meus pais.

Acontece que tudo mudou quando Marília e Carol perceberam que a quarentena seria um inferno para o relacionamento delas, que estava desmoronando. Marília estava se relacionando com outra pessoa, ninguém sabia, só a Carol. Marília decidiu viver a quarentena idílica com a outra moça, e deixar Carol. A Marga e a Tânia, que são do tipo que tenta resolver a vida de todo mundo, tiveram uma ideia. Já que a Marília decidira fazer o “favor” de deixar dois meses de aluguel adiantado para Carol ter tempo de se organizar, e elas sabiam da minha situação, odiavam mortalmente os caras que moravam comigo, perguntaram a Carol se eu poderia ficar em sua casa durante a quarentena, no máximo dois meses. Sabiam da minha situação de asmática e que, sem o bar, não conseguiriam pagar o salário mais que um ou dois meses. Isso tudo aconteceu sem eu saber. A Carol aceitou, por compaixão. Essas meninas têm um coração imenso. Como farmacêutica, ela não poderia ficar em quarentena, então, durante o dia, eu ficava sozinha no apê delas, dela. Quando avisei ao pessoal do meu apê que iria sair, eles acharam bom, todos estavam meio decidindo que precisavam sair porque, como eu, estariam sem emprego em breve. Aquele vírus pegou todo mundo desprevenido.

A Carol era uma das minhas principais clientes das empadas, para agradar ela, no dia que fui para lá, com uma mochila e uma mala pequena, passei no supermercado e comprei todas as coisas para fazer empadas. Nos primeiros dois dias não vi a Carol. Ela, gentilmente, me avisou que faria plantão na farmácia, dada a demanda e a confusão que estavam por lá. Comi todas as empadas sozinha e desapontada.

A casa delas, dela, era um apê pequeno, mas muito bonito e aconchegante. As duas eram mais velhas que eu, entre 30 e 40 anos, tinham emprego e podiam ter coisas bacanas em casa. Eram dois quartos, no de Carol havia uma cama de casal com um edredom fofo e branco, que parecia uma nuvem. O quarto em que eu fiquei era quarto, escritório, depósito. Tinha um sofá-cama de solteiro, as paredes eram pintadas de um verde meio azul-claro. Havia também uma cômoda antiga e chique, na qual ela abriu espaço em duas amplas gavetas, para eu colocar as minhas coisas. O banheiro de hóspedes eu poderia usar só para mim. O quarto da Carol era uma suíte.

Os primeiros dias foram estranhos, ela chegava tarde, cansada, deixava os sapatos fora do apê, não tocava em nada, se mantinha a um metro de distância de mim, dizia que tinha pedido uma tele-entrega de comida na farmácia e só queria tomar um banho e dormir, se eu não me importasse. Eu não me importava, claro, eu estava ali de favor. Ela entrava no seu quarto e colocava um álbum da Maria Bethânia, acho que para disfarçar o choro, mas eu ouvia uns soluços de vez em quando. Eu não sei se ela chorava pelo fim da relação com a Marília, ou pela demanda estressante do trabalho. No outro dia, saía cedo. Eu passava o dia inteiro sozinha, isolada no apê. Confinamento. “Fica em casa!”. Até saí uma ou outra vez para fazer compras e, também, fui na farmácia para ver a Carol trabalhando. Ela estava bem nervosa com as medidas de segurança e não me deu bola, além de me dizer que eu deveria ficar em casa.

Eu voltei para casa e, observando tudo ao redor, percebi que o cesto de roupas para lavar transbordava, eram sacolas fechadas com as roupas de cada dia que ela usava na farmácia. A casa estava suja e bagunçada, resolvi fazer uma faxina, lavar as roupas que estavam nas sacolas fechadas e dar uma arrumada geral. Isso tudo deve ter demorado umas quatro horas, e nada mais tinha para fazer. Na arrumação, encontrei umas fotos em um porta-retratos jogado dentro de uma gaveta. É provável que elas estivessem expostas na estante e, na pressa, pois não queria mais vê-las, jogou ali. Uma das fotos era no Wanda, recente, elas brindando com um Mai Tai e um Aperol Spritz. A boca da Marília tentava sorrir, mas o sorriso saía duro; Carol tinha um sorriso genuíno, mas vago, com o olhar que mirava algo fora da foto. O cabelo e a pele brilhavam, mas como pode ela ser tão bonita e sofrer por essa Marília escrota? Eu tinha raiva da Marília, mas deveria agradecer porque estava ali naquele apê luminoso por causa dela. Só que eu tinha pegado as dores da Carol, e sentia uma imensa vontade de abraçar, consolar, fazer tudo para ela se sentir feliz, menos sobrecarregada com todas as coisas que estavam acontecendo. Fui no mercado e comprei os ingredientes das empadas. Fiz umas trinta e fui levar para todas as pessoas da farmácia, estavam em seis lá, deu para comer bastante. Era tarde e Carol pediu que eu esperasse, ela voltaria comigo para casa. Voltamos a pé. Quando ela chegou em casa e viu tudo arrumado, acho que sentiu uma espécie de vergonha por eu ter mexido nas roupas sujas dela. Me pediu que não mexesse mais, que podiam estar contaminadas e que não gostava que mexessem na roupa íntima dela. Que idiota que eu fui, claro, ela não era minha amiguinha que eu podia lavar a calcinha sem maldade. Será que pensou que eu estava a fim dela? Foi horrível. Me evitou por dois dias. Para que ela não achasse que eu estava com segundas intenções, inventei que tinha um namorado no interior e que pretendia me casar com ele em breve. Depois de um tempo ela

voltou a me tratar normalmente. Me prontifiquei a fazer todas as compras da casa, organizar a alimentação e lavar nossas roupas, menos as íntimas dela. Estava tão fatigada que aceitou.

Os dias eram longos, lindos e ensolarados naquele fim de março pandêmico. Ela me disse que podia ver seus livros, filmes e discos para me distrair. Eu assisti *Azul é a cor mais quente*, li *Amora* e ouvi todos os discos da Zélia Duncan e da Marina Lima, que eu não conhecia, mas curti muito. Com todas as notícias arrepiantes que eu ouvia, comecei a me preocupar com a saúde de Carol, e com o quanto ela se colocava em risco. As meninas do Wanda prometeram que tão logo tudo passasse eu voltaria a trabalhar lá, mas isso parecia distante de acontecer. Meus pais queriam que eu voltasse para casa, para que estivesse segura em função da asma, mas eu estava bem ali, não tive nenhuma crise naquele lugar arejado, me sentia confiante e não achava que poderia adoecer.

Marília passou lá para pegar as coisas dela, eu ajudei, Carol me pediu que eu não comentasse nada sobre a visita. Isso foi há um mês, agora jantamos juntas todas as noites. Ela me conta sobre seu dia cheio e todas as maluquices que acontecem na farmácia. Eu passo o dia arrumando a nossa casa, pensando em comidas para fazer, vendo seus livros, ouvindo suas músicas, cheirando seus perfumes e evitando notícias catastróficas. Nunca tinha ficado tanto tempo numa casa vazia. Ontem nós fumamos um baseado depois da janta, nunca tinha provado. Eu não sei se bateu alguma coisa, mas eu senti tudo mais intenso e divertido. A gente ficou no sofá vendo televisão e comendo paçoca. Meu braço e o dela encostados. Meus pelos arrepiados. Não queria que ela notasse, mas adorei sentir sua pele cheia de pintinhas, parecida com um sorvete de flocos.

Não sei o que vai acontecer comigo, se vou ter que sair daqui mês que vem, se a Carol vai precisar encontrar alguém para rachar o aluguel. Ainda não falamos sobre isso. Se me contaminar, e precisar de internação, vou para o SUS. Ainda bem que se ela pegar o covid-19 ficará num leito particular. Talvez eu volte para o Wanda e consiga pagar as contas. Quiçá eu abra uma tele de empadas. Talvez não. Não sei o que esperar, o que virá, como as pessoas vão voltar às suas vidas depois disso tudo. Sei que a Marília andou procurando a Carol, mas não tive coragem de perguntar como foi. Tudo é só contingência. A impossibilidade de planejar o futuro. O desejo no presente. Tudo fora da ordem. “Pela tela, pela janela. Quem é ela? Quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado. Remoto controle”. Remoto Controle.



LOVE EGGS

TONI MORAES

– Quê? Como assim não tem ovo? E eu trabalho como, Manel? Problema meu é o cacete! Escuta aqui, seu safado... – Gilson se calou, tirou o celular da orelha e passou um tempo mirando a tela, o nome do seu fornecedor em destaque.

– O que ele disse, Gilson? – Rosalina, apreensiva, enxugava as mãos no Salmo 23.

– Desligou na minha cara, o filho da mãe..

– Mas o que ele disse antes disso, pai? – Daniel sequer parou de digitar. Trocava mensagens com o namorado que não via desde o início da quarentena.

Gilson caminhou até o sofá, afundou-se no estofado velho, verde, e coçou as sobrancelhas com uma só mão. As palavras fermentavam em seu estômago antes de ganharem corpo na garganta e escorregarem pela língua:

– Não vai ter ovo pra vender. Foi isso que ele disse... Só vai fornecer pros supermercados.

– Égua, não acredito! Olha, eu não desejo mal pra ninguém, que isso não é coisa de cristão, mas esse velho safado tem mais é que morrer. Safado! – A mulher esticou o pano de prato na cadeira e se sentou ao lado do marido. – Mas fica tranquilo, Gilson. A gente dá um jeito nisso. Deus há de olhar por nós.

O homem sacudiu um sim com a cabeça, mais para tranquilizar a mulher do que por acreditar em suas palavras. Nunca foi um otimista, tampouco religioso. Talvez uma coisa influenciasse a outra. Não era o seu primeiro beco sem saída, mas a falta de perspectiva dessa vez era diferente. Sabia que sua aposentadoria, exígua, não seguraria a barra. Não poder ir à rua batalhar a comida na mesa era ânsia e pavor. Beijou a testa da mulher e deu-lhe dois tapinhas na mão. Levantou-se, no caminho até o quarto tocou o ombro do filho. Entrou no cômodo e bateu a porta. Em pouco tempo seu ronco disputava com o barulho do ventilador o ar abafado da tarde que ainda ia pela metade.

O cheiro de pupunha e café foi seu despertador. Gilson se levantou sem saber se era quase noite ou quase dia, ainda zozzo foi até a cozinha, esfregando os olhos, a cabeça latejando.

– Tira essa mão da cara, Gilson! Quer ficar doente? Vai lavar tua mão!

O corpo, no piloto automático, obedeceu. A água fria ajudou a trazê-lo de volta, apesar da dor de cabeça insistente. Voltou à cozinha e sentou-se com os seus.

Uma pupunha com manteiga, outra com doce de cupuaçu, Gilson pintava os dedos de laranja descascando os frutos, partindo-os ao meio, retirando as sementes e recheando com cuidado cada uma das bandas quando Daniel o tirou do transe:

– Pai, eu queria pedir uma coisa...

– Se for dinheiro, filho, essa não é a hora.

– Que dinheiro o quê, pai! Não é nada disso. É outra coisa... – Gilson tirou os olhos dos pratos, um pra cada tipo de pupunha recheada, e encarou Daniel. Fez sinal pra que prosseguisse: – É que eu queria o seu carro emprestado pra mandar uma mensagem pro Alan. O sr. me empresta?

– Quê? Repete que eu não entendi...

– É, pai, mensagem... que nem aqueles negócios que tinha antigamente, sabe? O carro para na porta da casa da pessoa e começa a tocar uma mensagem...

– Que coisa mais besta, menino, vai orar. – A mãe, com os olhos grudados na tevê, tinha no colo uma cumbuca cheia dos frutos já descascados e nas mãos uma caneca até o talo de café com leite.

– Escuta, o que é esse negócio preto aí que tu não largas um segundo?

– Meu celular?

– É, isso... tu sabes que dá pra mandar mensagem por um negócio chamado zapzap que tem aí, né?

– Égua... vocês não entendem nada! Eu falo com ele o tempo todo, mas isso é o nosso dia a dia desde que começou essa desgraça... falar só por aqui. – Sacudiu o celular, segurando-o pela ponta, com uma displicência que custava 1500 reais, calculava Gilson. – Eu queria fazer uma surpresa pra ele, ser romântico... sei lá, não me importo se isso é brega, o que eu não aguento mais é ficar dentro dessa casa.

– Filho, esse carro é o meu trabalho. Como é que eu vou te emprestar se tu, ainda por cima, és barbeiro que só? Ainda mais pra uma besteira dessas... Não, olha, não dá!

– É o seu trabalho, pai, mas o sr. vai deixar essa lata velha aí fora parada, enferrujando, porque não vai ter a merda dos “30 ovos por 10 reais” por um bom tempo! Dá licença.

Daniel empurrou a cadeira e se levantou, caminhou corredor adentro bufando. Gilson fez sinal de que ia se levantar, mas a voz de Rosalina colocou panos quentes no ânimo do marido:

– Deixa, Gilson, daqui a pouco ele esquece. Tu sabes como é o Daniel...

– É, pode ser. Mas numa coisa o menino tem razão, Rosa: não vai ter ovo por muito tempo. Eu preciso dar um jeito nisso.

– Vai ficar tudo bem, Gilson. Vem pra cá comigo, vem...

Gilson pegou os pratos e foi pro sofá. Os dois comeram suas pupunhas e assistiram à novela. Gilson não conseguia tirar da cabeça as palavras do filho. Cochilaram de mãos dadas enquanto a apresentadora do jornal atualizava o número de infectados e mortos no Brasil.

No dia seguinte, Gilson levantou-se cedo, como de costume. Fez a barba, tomou banho, passou um café, ligou o rádio. Só então se deu conta do barulho de teclas que vinha do quarto do filho. Foi até ele.

– Que milagre... já tá acordado. Quer café? – Daniel fez que não com a cabeça, sem tirar os olhos da tela. – Que isso? Tá estudando?

Gilson não teve tempo de ler mais do que três palavras antes do garoto fazer sumir o que escrevia.

– Dá licença, pai? O sr. nunca se interessou pelas minhas coisas, por que a curiosidade agora?

O pai sentou-se na cama e colocou a caneca de café no chão. Suspirou.

– Olha, Daniel, eu pensei no que tu me falaste ontem...

– Desculpa, eu fiquei puto da vida ontem, pai. Mas eu tenho que lhe dizer uma coisa... eu vou fazer a mensagem pro Alan, nem que seja a pé.

– Era isso que tu estavas batendo aí no computador? Eu li o nome dele. – Daniel concordou, um pouco envergonhado. – Deixa eu ler?

Daniel pressionou duas teclas e o texto voltou à tela. Gilson ficou de pé, ao seu lado, os olhos espremidos denunciando a falta dos óculos. Leu, releu. Ao final, desmanchou a careta de leitura e colocou as mãos na cintura. O filho apreensivo.

– Bonito isso aí, filho. Tu gostas mesmo desse menino, né?

– Gosto, pai...

– Dá pra perceber... Bom, o que eu tinha vindo te falar aqui, que tu me interrompeste, pra variar... – o tom de repreensão mais brando que o de costume –, é que eu vou dar um pulo lá no depósito do Paulinho Goró mais tarde, pra ver se tem algum trabalho de entrega que eu possa fazer pra ele. Certeza que vai ter... povo para de fazer qualquer coisa, menos de tomar cerveja. Se tu quiseres, vem comigo. A gente passa na casa do Alan na volta. Termina aí a tua declaração e vem.

– Égua, pai!!! Não acredito! Muito, muito, muito obrigado! O sr. é o melhor! Pode deixar que já, já, eu acabo isso.

– Não esquece de colocar uma música. Coloca aquela bonita do Elton...

– Ele não gosta de melody, pai. E esse Dj Elton aí só tem música de corno ou macho escroto, aff, não combina nem um pouco.

– Que Dj Elton, rapaz, tu tá doido? Eu tô falando do Elton John. Da música que te mostrei outro dia. Tua mãe adorava quando eu colocava pra ela... *ai roupe iu domaine, ai roupe iu domaine...*

– Égua, pai... tá pegando, viu? Não sei se eu procuro primeiro uma aula de canto ou de inglês pro sr. – Sorriram.

– Olha, onze e meia. Não te atrasa, viu?

Daniel não se atrasou. Antes do horário combinado, estava pronto pra sair. O garoto já estava dentro do carro, nervoso, lia e relia o papel com a declaração que faria.

Gilson saiu do banheiro, vestiu a camisa de botão com mangas curtas e, ao passar pela sala, olhou pra estante. Viu o CD do Elton John, que não precisava procurar pra saber onde estava, e levou consigo. Deu um beijo na mulher e ganhou a rua.

– Não vão esquecer de passar o álcool na mão, pelo amor de Deus! Nada de pegar a mão de ninguém! Dois metros pelo menos dos outros, principalmente daquela imundície daquele Paulinho, não peguem em nada lá. – Rosalina dava recomenda-

ções da porta da casa de madeira pros dois, que acenavam de dentro do carro. – Ai, meu Deus do céu, esses dois só me arrumam preocupação, é só o que eles sabem me arrumar. – Comentou baixinho enquanto passava a chave na porta da rua e ia atrás do baralho jogar paciência.

O carro seguia pelas ruas vazias do bairro que, poucos dias antes, estariam cheias de vida àquela hora. Não demoraram pra chegar ao depósito. Daniel ficou no carro esperando.

– Fala, meu amigo, Paulinho Goró!

– Uhhh, parente, quanto tempo. – Cumprimentaram-se de longe. – Veio tomar uma?

– Rapaz, na verdade não... – Gilson, incomodado, passava a mão pelos cabelos brancos. – Na verdade eu queria saber se tu não estás precisando de uma força aí com as entregas...

– Égua, Gilson, pior que não, olha... O movimento tá fraco pra caramba. Mas eu tô pensando numa coisa... vou fazer uma promoção pai d'égua de gelada *delivery*. Vou espalhar essa porra pelo zap e vai chover pingüço pedindo. Não é possível que esses cara sejam tudo sem beber. Tinha caboco que oito da manhã tava batendo na porta aí. Esses aí o coronga não leva, que eles são tudo esterilizado já de tanta gelada que tomam. – Os dois riram. Gilson mais pra acompanhar a risada do outro. – Posso contar contigo se rolar?

– Opa, pode sim, Paulo. Se tu precisares, tens meu telefone. Me chama, mano velho.

– Pode deixar, parente!

Trocaram mais algumas amenidades e despediram-se. Gilson voltou para o carro sob o olhar atento de Daniel.

– E aí, pai? Toma, passa o álcool. – Daniel e Gilson esfregaram bem as mãos.

– Por enquanto, nada. – Gilson limpou o volante e deu a partida. – Agora vamos lá cumprir o que te prometi.

Quanto mais próximos da casa de Alan, menos Daniel conseguia esconder seu nervosismo. O pai, mesmo que mais preocupado com a falta de dinheiro no horizonte, percebeu a agonia do filho.

– Ei, rapaz, mas por que tu estás assim? Não era isso que tu querias?

– Era, pai... mas, sei lá... tá me dando um cagaço.

– Pra que isso? A família dele sabe que ele é...

– Gay, pai. Se a família dele sabe que ele é gay, que nem o seu filho? Pode falar a palavra, vai... o sr. não vai morrer: Gay. Fala...

– Olha aqui, Daniel, tu sabes que eu te aceito do jeito que tu és. Até a tua mãe que é da igreja te aceita, então bora parar com o showzinho.

– Pai, me aceitar é o mínimo que o sr. e a mamãe podem fazer. Do que adianta me aceitarem se vocês nem conversam comigo sobre isso? Se o sr. nem consegue dizer o que eu sou.

Nenhuma das respostas que Gilson queria dar passou no filtro entre o cérebro e a boca. Andaram calados por alguns minutos, parando nos sinais vermelhos em que nenhum pedestre atravessava, sentindo a brisa insuficiente pra afastar o calor se imiscuir entre o silêncio que dividiam. O pai resolveu construir uma ponte de teclas

pretas e brancas. Meteu a mão no compartimento da sua porta e apanhou o CD que trouxera.

– Toma, põe aí no som.

Daniel pegou o CD e quando leu o nome na capa revirou os olhos.

– Égua, pai, nada contra, mas não vai rolar. Isso é música de velho, o Alan não...

– Põe no som, por favor? Não tô te pedindo pra tocar pro Alan, caramba. – Daniel obedeceu. O som engoliu o disco. – Coloca aí na música seis. – O garoto apertou o botão cinco vezes. A música começou a tocar. Daniel viu seu nome no *display* do som.

– Ulha! Égua, dessa eu não sabia.

– Pois é... nem tua mãe sabe. O teu nome era pra ser Elton, mas tua mãe não quis, queria um nome bíblico. Aí eu coloquei Daniel, por causa dessa música, e ela aceitou. Nem sei se tem Daniel na Bíblia...

– Égua, pai! Por que o sr. não me contou antes? Até que essa música é bonita... gostei.

Gilson sorriu. Sentiu afrouxar a tensão nos dedos que seguravam o volante. Tamborilou, cantarolou e viu o filho explorar o encarte do CD.

O carro parado em frente à casa de Alan e, dentro dele, Daniel tremendo.

– Coragem, rapaz! Tu já chegaste até aqui.

– Eu não consigo, pai... me ajuda. Lê pra mim, por favor!

– Quê? Eu? Mas foi você que escreveu...

– Eu sei, pai, mas eu não vou conseguir. Por favor, faz isso pra mim!

– Eu só faço com uma condição...

– Qualquer coisa, pai!

– Qualquer coisa? Então vamos lá...

O pai respirou fundo, pegou o papel das mãos do filho, teria que fazer alguns ajustes enquanto falava, e ligou o seu alto-falante:

– Olá, Alan! Bom dia! Venha até a porta de casa que tem mensagem pra você...

Em pouco tempo, janelas e portas de toda a vizinhança se abriam. Alan apareceu no pátio da casa, acompanhado de sua mãe. Daniel começou a chorar, no que foi seguido pelo amado e pela sogra.

– Alan, essa é uma mensagem do Daniel, que te ama muito. – Gilson colocou na primeira música do CD e apertou *play*: – *It's a little bit funny...* Alan, desde a primeira vez que te vi... *I don't have much money, but boy, if I did...* sabia que os nossos destinos estavam traçados...

Sob os gritos e aplausos da vizinhança, Gilson seguiu lendo a declaração do filho, que chorava e mandava beijos pro amado. Alan respondia da mesma forma. Ao coro de “beija, beija, beija” que vinha das portas e janelas, o pai terminou o discurso, bem no refrão da canção. Aumentou o volume o máximo que podia:

And you can tell everybody this is your song
It may be quite simple but now that it's done
I hope you don't mind
I hope you don't mind
That I put down in words
How wonderful life is while you're in the world

A plateia foi ao delírio. Gilson, com lágrimas que teimavam em não despencar dos olhos, abraçava o filho. Estava feliz. Mal podia esperar para contar tudo a Rosalina. Queria vê-la sorrir também.

O clamor arrefeceu, Daniel e Alan já se despediam quando soou na rua deserta um grito isolado, saído das profundezas da casa de máquinas onde nada se produz além de ódio e miséria: “Vão pra puta que pariu, seus viadinhos!”

Daniel, de olhos arregalados, encarava o pai. Gilson demorou um tempo para se conectar à realidade. As ideias embaralhadas rodavam em sua cabeça. Conseguiu se agarrar a uma. Olhou ao redor, viu a casa com a bandeira do Brasil pendurada. Não teve dúvidas. Puxou o carro e estacionou em frente à casa de onde o berro saíra. Desligou o motor, abriu a porta e saiu.

– Não, pai, por favor! Pelo amor de Deus, eu lhe imploro, vamo embora, por favor!

Gilson agachou, pegou uma pedra no chão. Deu dois passos e a voz voltou: “Vem aqui se tu é macho, seu filho da puta!”, a voz vinha da escuridão que o covarde vestia como uma manta. Antes mesmo que pudesse reagir, as janelas ao redor voltaram a chiar. Em uníssono, uma vaia digna de Mangueirão lotado tomou conta da rua. Algumas vozes gritavam palavras de ordem: “Vai dormir seu lesão!”, “Te muda daqui, seu gala seca!”. Gilson sentiu a mão gelada do filho no seu pulso e largou a pedra. Voltou pro carro, abraçou Daniel e partiram.

No outro dia, felizes na mesa do café, como há tempos não estavam, conversavam sobre banalidades quando tocou o celular de Gilson.

– Pronto! É Gilson. Não, não... eu trabalho com venda de ovos. Mensagem? Ah, sim... aquilo foi uma coisa que fiz pro meu filho e só... Olha, onde a sra. achou meu número? Ah sim, tá mesmo no vidro... Veja bem, eu agradeço, mas... Quanto? Trinta reais?

Rosalina e Daniel começaram a gesticular pra Gilson, pra que ele aceitasse, mas o homem parecia não querer. Até que Daniel tomou o telefone de sua mão e prosseguiu a conversa:

– Olá, aqui é Daniel, como posso ajudar? Mensagem? Sim sra, fazemos com texto personalizado sim, e com a música que a sra quiser. Isso... Trinta reais sim. Tá bem, a sra. me passe o nome, o endereço da pessoa, o melhor horário e o nome da música...

Depois que o garoto desligou, o pai tomou o celular do filho, disposto a cancelar a negociação. Rosalina interveio.

– Deixa de ser lesão, Gilson. Aproveita. Vai fazer o que com esse carro parado aí? Não tem risco, tu nem precisas sair do carro, bem!

– É, pai, além do mais, eu posso ir com o sr. pra ajudar. Eu escrevo as mensagens, o sr. lê, simples. Já pensou se a gente pega umas três dessas por dia? Já é um dinheirinho que entra. Vamo? Eu vou fazer um perfil no Instagram e a gente vai bombar. Já tenho até um nome: Love Eggs!

– Quê? Que bobagem... Eu não sei, não, esse negócio de mensagem tá ultrapassado. Todo mundo manda áudio no zapzap.

– Pai, o sr. tava lá comigo e viu a cara de surpresa do Alan. Áudio no zap todo mundo espera, mas isso... Vamo, por favor!

– Vai, Gilson, qualquer dinheiro ajuda.

– Sei não...

Três dias depois, o telefone de Gilson não parava de tocar. Eram muitas solicitações de mensagens especiais, uma atrás da outra. Daniel escrevia cada uma delas com satisfação e Rosalina anotava os dados dos clientes. Casais apaixonados, ex pedindo pra voltar, filhos declarando amor eterno aos pais, até mensagem de cobrança de dívida eles fizeram. Gilson ainda parecia relutar com aquilo. Não queria apostar suas fichas em algo que seria temporário, um quebra-galho. Interrompeu o negócio para deixar o carro na oficina, precisava de reparos e uma pintura nova, segundo ele, mas avisou:

– Quando o carro voltar da oficina, esse negócio de mensagem acabou. Isso não vai levar a nada. A gente precisa de um plano consistente pra ganhar dinheiro daqui pra frente. Vocês me desculpem.

– Égua, pai, eu nem sei o que dizer pro sr... – Daniel entrou no quarto, batendo a porta às suas costas.

– Olha, Gilson, isso que tu estás fazendo é uma burrice, que o Sr. me perdoe de falar assim com o meu marido, mas é burrice mesmo.

– Burrice, Rosa, é ficar insistindo em um negócio que já nasce com prazo de validade. Essa é a minha decisão. Ponto final.

Rostos amuados, refeições silenciosas, a semana avançava e Gilson via a felicidade dos últimos dias evaporar junto com o mormaço das manhãs e tardes ensolaradas. Seu filho não saía do quarto, sua esposa cumpria com seus afazeres sem deixar escapar da boca uma nota sequer dos louvores que tanto gostava de cantarolar pela casa. Gilson sabia que só havia uma escolha a se fazer. Ligou para a oficina.

No prazo dado pelo mecânico, saiu de casa para buscar o carro, sob os olhares desinteressados da família. Não comentara mais nada com eles sobre o assunto, na verdade, muito pouco se falara naquela casa durante a semana. Gilson resolveu quebrar o gelo com a única arma que seria capaz de fazê-lo. Chegou em casa fazendo um estardalhaço na rua. Rosalina e Daniel correram pra porta de casa e quando a abriram deram de cara com Gilson de pé, encostado no carro, agora todo vermelho, com o logotipo da Love Eggs pintado nas laterais e no capô, junto do número do telefone.

– Paaai, essa é a coisa cafona mais linda que eu já vi! Amei, o sr. arrasou! – O pai sorriu satisfeito pro filho.

– Eu também amei, Gilson! Ficou lindo, benza Deus! Como tu és, né? Não falou nada pra gente! – A mulher abraçou o marido e o trouxe pra dentro de casa, Daniel ficou na rua tirando fotos do carro novo pra alimentar as redes sociais.

Na mesa de jantar, os três conversavam animados com o carro e com a sopa de caranguejo que fumegava nas suas cuias. Gilson pegou a cumbuca de farinha e jogou um pouco sobre a sopa. Rosalina olhava o marido, animada com o sorriso que voltava a frequentar aquele rosto marcado pelos anos de luta.

– Tu, hein, Gilson, pra quem achava isso tudo uma besteira... O que foi que te fez mudar de ideia?

Gilson pensou um pouco, tirou os olhos da comida e pousou sobre o rosto da mulher que amava há tanto tempo.

– Sabe o que é, Rosa? Vendo o clima de velório que ficou nessa casa eu percebi que ovo, cerveja, essas coisas todas ainda dá pra comprar em supermercado, mas tem uma coisa que não dá pra pegar em prateleira nenhuma e anda escasseando por aí... Uma coisa que a gente precisa tanto quanto farinha pra dar sustância na gente...

– Ai, pai, que coisa mais brega!!!

– Deixa teu pai, menino, antes que ele mude de ideia.

Sorriram e comeram bem naquela noite. Foram dormir com a barriga cheia de caranguejo e o coração cheio da certeza de que ficaria tudo bem. Não no outro dia, nem naquela semana, mas um dia ficaria tudo bem.



23/01

Foi no colégio da enfermaria. Não, que atrapalhada, na enfermaria do colégio. É que quando conto assim acabo trocando a ordem ou gaguejo. Quando escrevo às vezes erro também, uma letra ou sílaba. Nessa época aí de escola que isso era mais barra, a gente sofre bullying mesmo. Oi. Oi, oi. Você tá me ouvindo? Ah, que bom. Foi naquele colégio católico, daqueles que têm milhões de turmas. Eu era da turma B ele da F, sei lá. Eu tinha vários amigos, circulava em todas as galeras. Ele ficava bem na dele. Ainda mais que ele era tímido pra caramba. Aí um dia fui pra lá porque me deu febre, ele com diarreia. E nessa idade tudo era motivo pra vergonha. Lembro dele bem sardento, olhando pra baixo assim. Acho que a gente se falou. Não lembro o quê. Mas eu sempre fiquei instigada com os tímidos. Bem meu tipinho. Você sabe bem. É, minha paixonite de colégio foi assim: platônica. E aí ele me mandou uma mensagem. Fiquei stalkeando e descobri várias coisas, tá até bonito, casou, não teve filhos. Adicionei todo mundo dessa época. Fiquei olhando as fotos, deu uma baita nostalgia. Não. Visualizei e não respondi. Você acha que eu deveria?

28/01

Então... nunca tinha feito terapia on-line, mas achei que funcionou. Gostei. Aham. Retomando, né? Não conheço muita gente aqui ainda. Mande mensagens mas ainda nada. O engraçado é aquela moça que eu já te falei: visualizou e nada. Não sei se magoou com algo. É que uma vez ela me contou como a gente se viu pela primeira vez. Eu fingi que lembrava. Eu só lembro que fiquei olhando a pilha de gibis e que ficavam em cima de um jornal. Eu já havia lido todos, da Mônica, Mickey, porque quando não estava na biblioteca, eu tava lá, na enfermaria. Ou porque tinha alguma coisa: dor de cabeça, barriga. Ou porque davam chazinho. A capa do jornal era o Cazuzu de braços abertos todo de branco. Acho que foi quando ele faleceu. Eu não tenho certeza. Mas essa imagem ficou na minha cabeça.

06/02

Tô. Passei bem esses dias, sim. A gente parou nessa época, né? Nossa, esse período do início da vida adulta foi muito importante pra mim. Pra todo mundo é. Mas sair da casa dos pais com essa idade é até meio precoce, né, muitos amigos meus não saíram até hoje. Veja só. Vim morar aqui sabe pra quê? Pra estudar psicologia! É, a gente seria colega de profissão. Hahaha. Pois é. Não, não. Mudei depois pra fazer o que faço hoje. Mas foi porque vim pra cá que mudei tudo e acabei virando quem eu sou. Então foi decisivo na minha vida. E aí mais ou menos nesse período que a gente se conheceu pra valer mesmo e ficou umas vezes. Foi legal. Minha cabeça estava a mil, mas eu lembro com carinho de vários momentos. Não. Não respondi. Você sabe que ele estava nos mesmos festivais que eu? Não sei como não se encontrou. Esses dias eu estava lendo A retórica e ele postou Aristóteles no mesmo dia. Nossa. Não é muita coincidência? Você sabia que paixão tem a mesma raiz etimológica de doença? Claro que sabe. Pathos, igual de patologia. Que loucura.

11/02

Nossa, eu mergulhei mesmo na coisa. Claro, era época daquele H1N1 e todos os colégios pararam um mês inteiro, logo depois das férias de julho. Aí eu estava fazendo cursinho de novo pra passar em Direito, mas aquele mês tinha o tempo todo pra viver aquilo. Doação mesmo, saca? A gente se jogou. Quando um amor começa, e a gente sabe que vai acabar, acho que dá o melhor de si, se permite mais. E várias vezes depois, durante o meu casamento até, eu me pegava lembrando dela, de tudo que a gente viveu. Pera aí, travou. Travou. Como assim, cubista? Tô quadriculado? Agora voltou? Eu tava dizendo que foi a semana de amor mais intensa da minha vida. Tá travando de novo. É que esse computador tá horrível. Tava com um vírus esses dias. Eu tentei usar aqui um programa mas esse é que nem os vírus que dão na gente. Ele se adapta e se transforma antes de se espalhar pros outros.

05/03

Acredita que nos encontramos em pleno Carnaval? No meio de uma multidão. Como foi pra mim? Poxa, depois de tantos anos, maluco, né. Aí nos abraçamos um tempão naquela chuva. Conversamos, ah e aí casou, casei mas separei. Ah, como tá a vida de psicóloga? Nada, sou atriz. Nossa, como assim e tal. Puxa, é, pois é, eu cineasta, acabei de me mudar pra cá. Resumindo: ficamos horas conversando. Mil afinidades. Tava indo super bem. Aham, ficamos mais depois. A gente estava engrenando mesmo. Mas não sei, não. Ah, nem me fale. Agora com esse lance aí do Corona meio complicado sair se pegando, né? Mas faz o quê? Pede atestado de negativo? Se rolar um confinamento mesmo, vai ficar cada um no seu canto e aí acabou, né? Vou ficar solteirona mais esse ano todo? Eu não queria que acabasse. A nossa liga é tão boa até a distância, fizemos até sexo virtual. Nunca tinha feito. Olha, surpreendeu! E como diz uma amiga minha, sem risco de Dsts. Hahahaha.

17/03

Desculpa eu ter perdido a última sessão com você. Eu não tava bem mesmo. É, fiquei mal. Como? Não, passou já, passou. Fiquei preocupado. Podia ter sido. E eu aqui sozinho, já pensou? Tô ótimo agora. É, então. De novidades? Reencontrei aquela da mensagem. Quando a gente se reviu, no meio do bloco de carnaval, não teve como visualizar e não responder, se beijou direto. Como me senti? Não sei, foi diferente. Era cena de cinema mesmo, porque tinha parado de chover e o sol tava aparecendo de novo já. Não tinha procurado ela pra isso. Pois é. Beijamos e parecia que estávamos esperando esse momento. Não, não cheguei a apaixonar. Senão era aperto no peito, falta de apetite, aquela sensação febril. Eu tive isso tudo mas foi essa virose mesmo. E aí a gente encontrou depois, mas agora com isolamento já era. Vamos ficar ambos solteiros. Cada um na sua casa. Sozinhos. Mais seguro, né?

30/03

Oi. Oi. Que louca essa coincidência, né? Como a gente ia imaginar que tínhamos uma terapeuta em comum. É sim. Estamos aqui esse tempo debaixo do mesmo teto. É, melhor que ficarmos isolados. Aham, estamos bem, cozinhando, dividindo a rotina. Hahahahaha. A propósito, você atende casal?

AUTORES



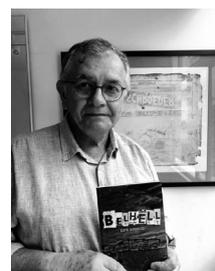
Ana Rüsche nasceu em setembro de 1979 em São Paulo, capital. Publicou livros de poesia, como *Rasgada* (Quinze & Trinta, São Paulo, 2005), e de prosa, como *A telepatia são os outros* (Monomito Editorial, 2019). É doutora em Letras pela USP e participa do conselho editorial da *Revista Fantástica 451*. Produz o programa *Incêndio na Escrivadinha*.

Residente em Buenos Aires, o gaúcho **André Takeda** domina uma literatura pop de fácil fluidez, sensível e com referências musicais certeiras. É autor dos romances *O clube dos corações solitários*, *Cassino Hotel* e do livro infantil *A menina do castelo de joias*.



Caco Ishak nasceu já incoloroquinável em 1981. Autor de *Má reputação* (2006), *Não precisa dizer eu também* (2013) e *Eu, cowboy* (2015), além de contos e poemas publicados em coletâneas mundo afora. Elocubra em [twitter.com @cacoishak](https://twitter.com/cacoishak)

Nascido em Belém, em 1954, **Edyr Augusto** é o maior romancista contemporâneo que retrata com precisão uma Belém urbana, caótica e dominada pelos poderosos. É autor dos romances *Os Éguas*, *Moscow*, *Casa de Caba* e *Pssica*, e dos livros de contos *Um sol para cada um* e *Selva Concreta*, todos pela Editora Boitempo, por onde acaba de lançar seu mais recente trabalho: *BelHell*.



Estrela Leminski é escritora, compositora e produtora. Autora de *Cupido*, *cuspidado*, *escarrado* e *Não*. É par musical do marido Téo Ruiz, com quem lançou o disco *São Sons* (2011) e, em 2017, o álbum visual com um clipe para cada faixa *Tudo que não quero falar sobre amor*. Estrela é fruto do amor dos escritores Paulo Leminski e Alice Ruiz. Lançou *Leminskanções*, álbum duplo com composições do poeta, além de um livro com suas partituras.



Marcelo Damaso é ex-jornalista (talvez confinado volte a ser), produtor cultural e escritor. É autor do romance *Iracundo*, publicado em 2014 através do Prêmio IAP de Artes Literárias, e também um dos criadores do Festival Se Rasgum e Festival Sonido, ambos em Belém. É fã de guitarras e baixos Fender e de Coca-Cola.

Patrícia Rameiro escreve poesias e contos desde criança. Anda atenta à vida e às gentes para depois buscar as paisagens humanas de maravilha ou absurdo dentro de si mesma. É autora do livro de poesias *Quando dançam as cores*. Nasceu no Piauí, mas mora em Belém há muito tempo. Tem 35 anos e é mãe do José.



Rochele Bagatini é escritora e fotógrafa. Nascida no interior do RS, em Farroupilha, vive em Porto Alegre. Graduada em Comunicação Social pela UFRGS, Mestre em Escrita Criativa/Letras pela PUCRS.

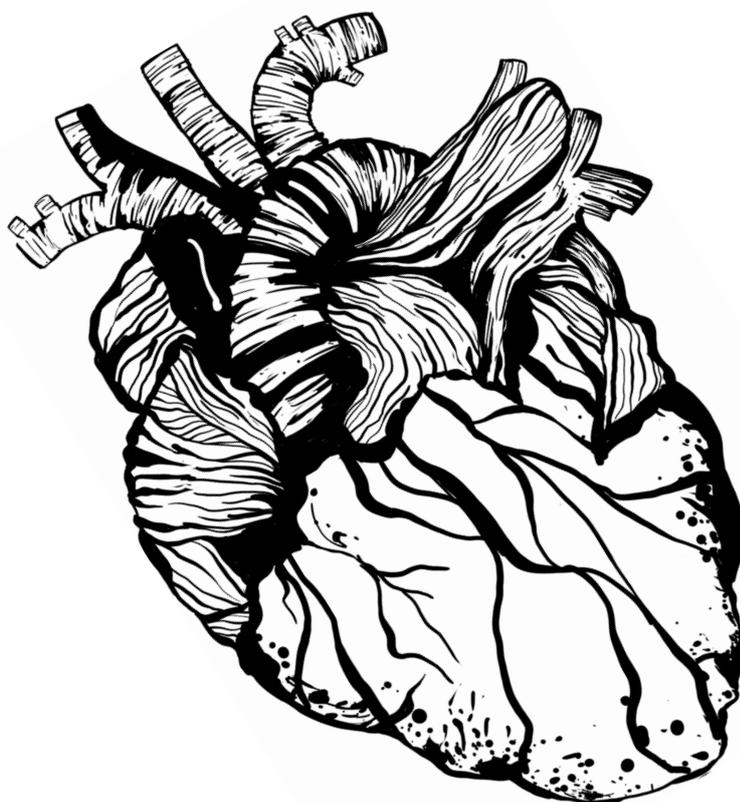
Toni Moraes é escritor, editor e pesquisador de Literatura. Nasceu em Belém, em 1986, mora em São Paulo desde 2010. Publicou pela Monomito Editorial os livros *O ano em que conheci meus pais* (2017), *Eu estou morto* (2018) e publicará *Morto não me serves de nada*, pela mesma editora, em 2020. É mestrando no programa de Literatura Brasileira da FFLCH-USP.

No Instagram é: @tonimoraesjr



Vladimir Cunha é jornalista e cineasta. Já escreveu para algumas das publicações mais importantes do país. Dirigiu os documentários *Brega S/A* e *Dona Onete: Flor de Lua*. Vlad mora em Belém e aguarda o Silencioso Império de Tristero.

Este livro foi idealizado, escrito e produzido entre os meses de março e abril de 2020, em meio à quarentena por conta do Coronavírus. Todo o trabalho envolvido no processo foi feito de forma voluntária por organizador, autores, designers, editores e revisores.



Belém, abril de 2020.
www.amoresemquarentena.com.br